



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA - CFP

AMANDA RODRIGUES BRANDÃO CORREIA

**O APAGAMENTO DOS RÓTICOS POR ESTUDANTES
AMARGOSENSES: INTERFERÊNCIAS DA LINGUAGEM ORAL NA ESCRITA.**

Amargosa

2016

AMANDA RODRIGUES BRANDÃO CORREIA

**O APAGAMENTO DOS RÓTICOS POR ESTUDANTES
AMARGOSENSES: INTERFERÊNCIAS DA LINGUAGEM ORAL NA ESCRITA.**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras/Libras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Centro de Formação de Professores.

Orientador: Prof. Dr. Genivaldo da Conceição Oliveira.

Amargosa

2016

AMANDA RODRIGUES BRANDÃO CORREIA

**O APAGAMENTO DOS RÓTICOS POR ESTUDANTES
AMARGOSENSES: INTERFERÊNCIAS DA LINGUAGEM ORAL NA
ESCRITA.**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras /Libras pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- Centro de Formação de Professores- UFRB-CFP.

Aprovada em 17 de fevereiro de 2016.

Genivaldo da Conceição Oliveira – Orientador

Doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.

Fernanda Maria Almeida dos Santos

Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.

Eleomarques Ferreira Rocha

Doutor em Educação pela Universidade de Nova Orleans.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela vida, por me sustentar em todos os momentos, por ter me concedido sabedoria e por tudo o mais, pois entendo que se não fosse por Ele eu não teria chegado até aqui.

A meus pais, Josué e Marinilda, pelo amor constante, pela força e apoio que sempre me deram, por acreditarem em mim e por serem meus maiores exemplos de honestidade, humildade e fé.

A meu esposo, Joel, pelo companheirismo, a parceria, por me consolar nos momentos de choro e se alegrar comigo em todos os momentos, pelo afago de todos os dias e a amizade que sustenta o nosso amor.

Aos meus quatro lindos e amados irmãos, Artur, Dri, Sandro, e Leno, pelo cuidado, o carinho, por serem os exemplos de pessoa que quero seguir.

Agradeço às minhas cunhadas, pelo apoio, pelas orações, por terem me presenteado com dois príncipes e duas princesas que adoçam minha vida.

Agradeço à Liz Dáleth, Davi, Raí e Brisa, pela paz e a felicidade que me trazem, fico feliz só de lembrar de vocês!

A Laísa, por ser minha amiga e companheira de vida, desde o pré-escolar.

Ao meu querido orientador, Genivaldo Oliveira, pela disponibilidade, paciência, atenção, competência e por ser um excelente profissional.

Agradeço a todos que junto comigo fizeram parte da primeira turma de Letras da UFRB – CFP, pelos bons momentos que passamos juntos e que ficarão para sempre em minha memória.

Agradeço a todos os professores de Letras com os quais eu tive o privilégio de aprender.

Enfim, a todas as pessoas que fizeram parte da minha vida acadêmica, nos momentos serenos e/ou apreensivos, os agradeço de coração.

*“- Isso quer dizer que aquilo que a gente chama, por comodidade, de **português** não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de “coisas” aparentadas entre si, mas com algumas diferenças. Essas “coisas” são chamadas variedades”.* (BAGNO, 1997, p.18)

RESUMO

Na presente pesquisa, à luz da sociolinguística variacionista, analisamos o apagamento dos róticos na oralidade de estudantes amargosenses a fim de perceber se a supressão do fonema /r/ na oralidade interfere na escrita desses estudantes. Neste estudo avaliamos se existe um contexto que propicia esse fenômeno e se o gênero sexual (masculino ou feminino) influencia na queda do /r/ em coda silábica. Observamos também se com o avanço na escolarização esse fenômeno é superado. Nosso corpus é constituído a partir da leitura de um texto, escrito pela autora do trabalho, e de um questionário sobre o texto, cujo objetivo era induzir indiretamente os estudantes a respondê-lo com palavras que possuem róticos em coda silábica. O presente questionário foi respondido na modalidade oral e escrita. A leitura do texto, bem como a resposta ao questionário, foi feita por quatro estudantes, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, do 6º ano e quatro estudantes, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino do 8º ano. As atividades orais foram gravadas e fizemos a transcrição grafemática obedecendo ao padrão fonético dos alunos. A partir desta análise, verificamos que a oralidade interfere na escrita e o avanço na escolarização influencia na superação do fenômeno de apagamento dos róticos. Para 30% de supressão do /r/ na oralidade de informantes do 6º ano aconteceu 12% na escrita. Os informantes do 8º ano apagaram 19% na oralidade e 3% na escrita. Constatamos que os informantes do sexo masculino mantiveram o rótico em coda silábica com mais frequência que informantes do sexo feminino pelo fato de que 13% das supressões do /r/ foram cometidas por informantes do sexo masculino do 6º ano e 6% pelos entrevistados do 8º. 17 % da ocorrência desse fenômeno foi realizada por informantes do sexo feminino do 6º ano e 13% por alunas do 8º.

Palavras-chave: Róticos. Apagamento. Oralidade. Escrita.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. FONÉTICA E FONOLOGIA: VARIAÇÕES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	9
2.1 FONÉTICA ARTICULATÓRIA.....	10
2.2 FONOLOGIA	11
2.2.1 Transformações fonéticas na língua.....	13
3. OSRÓTICOS.....	15
3.1 O APAGAMENTO DOS RÓTICOS	15
3.1.1 Aspectos sócio-históricos do apagamento dos róticos na língua portuguesa	16
4. VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS.....	18
4.1 INTERFERÊNCIAS DA ORALIDADE NA ESCRITA	21
5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.	25
5.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	25
5.2 INSTRUMENTOS DA PESQUISA	26
5.2.1 Questionário utilizado na pesquisa: perguntas e possíveis respostas.....	27
5.2.2 Texto utilizado na pesquisa	28
6.1 ANÁLISE DOS DADOS	30
6.2 VERBOS, ARROLADOS PARA A PESQUISA, RETIRADOS DO TEXTO	34
6.3 QUADROS: COMPARAÇÃO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA.....	36
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE A.....	45
APÊNDICE B	47
APÊNDICE C	53
APÊNDICE D.....	55
ANEXO A.	62
ANEXO B	68

1 INTRODUÇÃO

A língua é a característica que torna os homens diferentes dos outros animais. Através dela o ser humano é capaz de exprimir o que pensa, expressar o que sente, manifestar os conhecimentos, posicionar-se e inserir-se no meio social.

Na língua portuguesa do Brasil existem a língua padrão e a língua não padrão. A padrão é regida pelas normas gramaticais e, por este motivo, está muito ligada à língua escrita. Já a não padrão exibe o modo como as pessoas se comunicam em seu cotidiano sem se preocuparem com a gramática formal. Na sociedade estão incutidos valores estigmatizantes a respeito de pessoas que falam e escrevem a língua não padrão. Entretanto, essa discussão tem causado controvérsias entre os estudiosos de línguas, uma vez que existe um contexto histórico, cultural, regional e social que pode explicar certas variações, popularmente chamadas de "erros".

A variação histórica demonstra que a língua não é estática e pode passar por transformações ao longo do tempo. Houve, recentemente, mudanças na escrita de algumas palavras do português com o novo acordo ortográfico. Na língua oral percebe-se que certas modificações também acontecem. No que concerne especificamente à variação linguística, nota-se que atualmente muitos pesquisadores têm analisado o fenômeno do apagamento dos róticos nas palavras. Bortoni (2004) afirma que as principais regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica na sílaba.

Acreditava-se que a língua escrita não estava vinculada à língua oral, porém alguns linguistas vêm pesquisando e descobrindo que existe relação entre elas. O apagamento dos róticos na oralidade e escrita é um fenômeno fonológico muito comum no final das palavras e em coda silábica medial. Costa (2009), em uma pesquisa realizada com estudantes da cidade de Catu, comprovou que na escrita desses sujeitos as taxas de apagamento dos róticos são mais altas em coda final. A autora associa essa informação ao fato de que diversos estudos sociolinguísticos demonstram que na oralidade o apagamento do /r/ é quase categórico, o que confirma a interferência da fala na escrita dos alunos catuenses.

Pretendemos, assim, como objetivo geral: investigar o apagamento dos róticos na fala de estudantes do ensino fundamental II do município de Amargosa-BA, relacionando esse fenômeno com algumas variações presentes na escrita dos sujeitos investigados. Como objetivos específicos pretendemos: (i) analisar o apagamento dos róticos na fala de estudantes do ensino fundamental II do município de Amargosa-BA; (ii) verificar as interferências da oralidade na escrita dos estudantes, considerando o fenômeno da supressão dos róticos; (iii)

analisar as interferências da oralidade na escrita dos sujeitos investigados, conforme as variáveis sociais *série* e *gênero*. Nessa perspectiva, a análise dos dados dessa pesquisa foi feita com base nas leituras do texto proposto e criado pela autora desse trabalho e as respostas a um questionário por meio da oralidade e da escrita desses alunos.

De modo mais específico, objetivamos responder aos seguintes questionamentos: (i) O apagamento do rótico na oralidade interfere na escrita? (ii) O avanço na escolarização dos informantes influencia no apagamento dos róticos? (iii) qual gênero (masculino ou feminino) comete o apagamento dos róticos com mais frequência? Vale ressaltar aqui, que acreditamos que as pessoas do sexo feminino manteriam o fonema /r/ em coda silábica com maior assiduidade que as pessoas do sexo masculino, pelo fato de outras pesquisas feitas nessa área, demonstrarem que as mulheres tendem a utilizar formas linguísticas de maior prestígio com mais constância que os homens.

Para responder estas questões, apresentamos esse trabalho em 6 capítulos. O primeiro capítulo diz respeito à introdução e objetivos da pesquisa. No segundo, buscamos fazer uma breve explanação das áreas da linguística, fonética e fonologia, bem como suas variações no português brasileiro. No terceiro capítulo enfocamos os róticos, assim como seu apagamento e os aspectos sócio-históricos da supressão do fonema /r/ na língua portuguesa. No quarto, fizemos um estudo sobre variações linguísticas e as interferências da oralidade na escrita. O quinto capítulo aborda a metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados, o corpus utilizado e traz informações sobre o perfil dos informantes.

No sexto capítulo apresentamos a análise e descrição dos dados. Primeiro expomos dois quadros, um mostra as respostas dos estudantes ao questionário oral e o número de apagamentos cometidos pelos discentes, nas palavras em geral. O outro mostra a pronúncia dos alunos, na leitura do texto e, apagamentos realizados por eles apenas nos verbos. Dessa maneira revelamos os contextos em que o apagamento dos róticos é mais comum, assim como, demonstramos qual gênero (masculino ou feminino) e qual série cometeu com mais frequência a supressão do /r/ em coda silábica na oralidade. Ainda nesse capítulo, expomos dois quadros comparando as respostas ao questionário oral e ao questionário escrito, bem como o número de apagamento dos róticos em coda silábica, praticado pelos estudantes, do 6º e 8º ano, nas respostas a cada questionário. Demonstramos qual série mantém com mais constância os róticos nas palavras, tanto na modalidade oral da língua, quanto na escrita. Por fim, fazemos as considerações finais para esta pesquisa e apresentamos as referências utilizadas.

2 FONÉTICA E FONOLOGIA: VARIAÇÕES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Muitas pessoas podem discutir e refletir sobre a forma e o uso da linguagem que utilizam. Falantes de qualquer língua geralmente conseguem perceber as diferenças de sotaque e palavras utilizadas por pessoas de outra região ou mesmo de outro país. Por meio das observações e experiências feitas pelos linguistas para estudar a língua e linguagem, é possível perceber que a linguística trabalha baseada em dados verificáveis.

Segundo Silva “linguística é a ciência que investiga os fenômenos relacionados à linguagem e que busca determinar os princípios e características que regulam as estruturas das línguas.” (SILVA, 2010, p. 11). Dentro da linguística existem áreas específicas que descrevem, classificam e transcrevem os sons da fala, bem como estuda a organização da cadeia sonora na fala. Essas áreas são denominadas: fonética e fonologia.

O estudo dos sons criados pelo aparelho fonador humano é um dos principais objetos de estudo da linguística, uma vez que eles desempenham um papel na língua. A fonética é o ramo da ciência que se interessa pelo estudo dos sons humanos produzidos por esse aparelho. "A fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana." (SILVA, 2010, p.23). A fonética se subdivide em articulatória, auditiva e acústica.

A fonética articulatória estuda e classifica os sons da fala, no que diz respeito à forma como são produzidos pelos órgãos do aparelho fonador. A fonética acústica se interessa pelas propriedades físicas dos sons criados pelos órgãos da fala e que são transmitidos no ar, do falante para o ouvinte. A auditiva, diz respeito à forma como os sons da fala são percebidos e identificados pelo ouvinte.

Fonética não deve ser confundida com fonologia, pois, embora ambas se completem, não são a mesma coisa. A primeira tem a intenção de descrever, classificar e transcrever os sons da fala humana, enquanto que a segunda se preocupa em estudar a organização da cadeia sonora da fala. Henriques em sua obra *Fonética, Fonologia e Ortografia* faz uma distinção bastante sucinta entre fonética e fonologia: “a fonética estuda os sons da fala; a fonologia estuda os sons da língua.” (HENRIQUES, 2007, p.6)

2.1 FONÉTICA ARTICULATÓRIA

A princípio fazemos aqui, um estudo mais aprofundado de aspectos fonéticos do português falado no Brasil sob o olhar articulatório com o intuito de compreender como se dá a produção dos sons utilizados no momento da fala.

O aparelho fonador tem grande importância para a fonética, pois os sons produzidos por ele são o alvo de estudo dessa disciplina. No entanto, vale ressaltar que os órgãos utilizados para produzir a fala não existem para exercer essa função, ou pelo menos a sua principal incumbência não é essa. A função primária desses órgãos não está diretamente relacionada com a fala e sim com outras atividades, por exemplo, mastigar, cheirar, engolir, respirar, etc. Todavia, apesar de a produção da fala não ser a função primordial dos órgãos que compõem o aparelho fonador, de alguma maneira eles se adaptaram e atuam de forma fundamental para a criação da fala. Segundo Lyons:

Os órgãos da fala realmente constituem o que se poderia descrever como sistema biológico secundário, e há uma certa comprovação de sua adaptação evolutiva para a produção da fala. (LYONS, 2011, p. 53)

Os sistemas respiratório, fonatório e articulatório fazem parte do aparelho fonador. Levando em consideração as limitações fisiológicas do aparelho fonador, existe um limite de sons que podem ser realizados por ele, Silva observa que:

Podemos dizer que o conjunto de sons possíveis de ocorrer nas línguas naturais é limitado. Na verdade um conjunto de aproximadamente 120 símbolos é suficiente para categorizar as consoantes e vogais que ocorrem nas línguas naturais. (SILVA, 2010, p.25)

A maioria dos sons da fala é produzida pela corrente de ar que é ejetada pelos pulmões por meio da traqueia, passando pela glote, que é o espaço entre as cordas vocais. Quando o ar passa pela glote, pode haver vibração ou não das cordas vocais. Se houver vibração, classificamos o som produzido como sonoro, ou vozeado, e se não houver vibração, esse som pode ser classificado como surdo ou desvozeado. Essa distinção constitui uma das principais variáveis articulatórias. Algumas consoantes surdas têm suas correspondentes sonoras, por exemplo [p], [t], [k],[s],[f], são desvozeadas, e apresentam suas correspondentes [b],[d],[g],[z],[v], que são vozeadas. Nos casos em que o Alfabeto Fonético Internacional – (IPA - *Internacional phonetic Alphabet*) não apresentam duas letras distintas para os sons

vozeados e desvozeados correspondentes, usam-se os sinais diacríticos para marcar a distinção.

A nasalidade é também uma variável articulatória importante de ser ressaltada. Ela ocorre quando o véu palatino é abaixado, deixando aberta a passagem para a cavidade nasal, o que possibilita que o ar escape pelo nariz ao mesmo tempo em que sai pela boca, ocasionando os sons nasais, que se opõe aos orais (casos onde não há a passagem de ar pelo nariz). As vogais, quando nasalizadas são marcadas com um til [-]. Ex: [ã]. Existem também outras variáveis articulatórias, que são a aspiração, palatalização, glotalização, velarização, etc.

Ainda se tratando de articulação é possível fazer a distinção entre vogais e consoantes. Na produção das consoantes acontece uma obstrução, um impedimento da passagem da corrente de ar pela boca. Essa obstrução pode ser total, resultando em uma oclusiva, ou parcial, mas o suficiente para provocar uma fricção audível, em que o som provocado é denominado fricativo. Entretanto, nas vogais, não existe restrição da passagem de ar, ou seja, o ar passa livremente pela boca. As consoantes também são classificadas em relação ao ponto de articulação em que ocorre a obstrução da passagem do ar na boca. O ar pode ser obstruído em diferentes partes do sistema vocal, pelas cordas vocais, dentes, língua, etc. De acordo com o local do impedimento da passagem do ar elas podem ser classificadas em bilabiais, labiodentais, dentais, alveolares, palatais, velares, glotais, etc. As vogais, no entanto, não possuem pontos de articulação, e são classificadas considerando a configuração total da cavidade oral. De acordo com Lyons:

As vogais caracterizam-se pela ausência de obstrução à passagem do ar pela boca, não possuem um ponto de articulação como o das consoantes. É preciso considerar a configuração total da cavidade oral. Há uma variedade infinita segundo três dimensões foneticamente relevantes, convencionalmente estabelecidas como fechadas: abertas (alternativamente altas:baixas), anteriores: posteriores e arredondadas: não arredondadas.

(LYONS, 2011, p. 57)

Após essa breve explanação sobre fonética, focando na perspectiva articulatória, faremos um conciso estudo sobre fonologia.

2.2 FONOLOGIA

Para distinguir fonética e fonologia, em seu livro, Henriques relata que:

A fonética descritiva, aproximando-se das ciências físicas e biológicas, interessa-se pelos efeitos acústicos elementares que a nossa audição apreende como unidades sônicas, produzidos pela articulação dos órgãos fonadores. Para depreender desse contingente de sons da fala o que funciona linguisticamente, a fonologia tem de apoiar-se na fonética, pois é a partir de cada um deles que se depreende o fonema, ou seja, o som vocal dotado de valor linguístico. (HENRIQUES, 2007, p.6)

Nesse trecho, o autor faz a distinção entre esses dois ramos da linguística, contudo, também fica claro que uma depende, ou completa a outra.

Para compreender fonologia, deve-se distinguir o que é um fonema de um fone. No plano fonético, tem-se o **fone**, que segundo Silva "são todos aqueles segmentos consonantais e vocálicos identificados na transcrição fonética do corpus" (SILVA, 2010, p.127). No plano fonológico, tem-se o **fonema** que é o segmento mínimo distintivo numa enunciação. Ainda de acordo com Silva, "a determinação de fonemas se dá a partir da identificação de pares mínimos para um grupo de dois segmentos." (SILVA, 2010, p.127). Os fones são transcritos entre colchetes [p], já os fonemas são transcritos entre barras /p/.

O sistema fonológico da língua é o paradigma de grupos de fonemas que podem ser opositivos e associativos. Um exemplo de opositivo é /p/: /b/. Nessa demonstração temos a oposição por ausência ou presença de sonoridade. Por outro lado, são associativos /p/:/b/ pela coincidência de articulação bilabial.

Henriques destaca que letra e fonema não podem ser confundidos, embora em alguns casos haja coincidência entre ambos. "Só a transcrição fonética expõe rigorosa e sistematicamente os fonemas empregados na pronúncia de uma palavra ou sintagma" (HENRIQUES, 2007,p.9) O autor menciona que:

Cada fonema reúne um conjunto de articulações, mas nem todos têm valor distintivo simultaneamente. Basta um traço articulatorio diferente para que um som da fala tenha a potencialidade de modificar uma forma mínima ou um vocábulo. Essas articulações são os traços distintivos de um fonema e por meio dela se distinguem os fonemas da língua um dos outros. (HENRIQUES, 2007, p.9)

Os traços que distinguem um fonema do outro são suscetíveis à alterações em função de algumas situações da enunciação. Essa variante do fonema se chama alofone.

Há outras variantes dos fonemas que são os arquifonemas e os debordamentos. O arquifonema é a neutralização da oposição que existe entre fonemas. Por exemplo, em palavras como asa, assa, haja, e acha, temos quatro fonemas que tem o poder de mudar o vocábulo, porém em final de sílabas ou palavras esses mesmos fonemas podem ser

neutralizados e haverá a possibilidade de utilizar qualquer um desses fonemas sem mudar o significado do vocábulo, como é o caso da palavra *quis*. Outro exemplo de arquifonema é o /r/ que pode ser velar, glotal, tepe ou retroflexo, que muitas vezes no português brasileiro pode indicar contraste fonêmico (par mínimo). Contudo, em ambientes específicos, como em *mar e carta* pode ocorrer a perda do contraste fonêmico, ou seja, esse fonema pode ser neutralizado.

Já o debordamento como diz Henriques:

Consiste no emprego “flutuante” de um fonema em lugar de outro. No debordamento, o ambiente fonético só propicia a neutralização em determinado número de palavras. Não há problema quando um falante diz a primeira vogal da palavra *menino* com /e/ ou com /i/. Mas o mesmo ele não pode fazer com a palavra *deferir*, pois dizer /i/, em vez de /e/ apontará para outra palavra da língua, *diferir*. No debordamento, há porém um risco nessa troca de um fonema por outro. Diferente do arquifonema, que é paradigmático, o debordamento atua na fronteira entre o aceitável e o discutível (adjetivos motivados muitas vezes por preconceito). (HENRIQUES, 2007, p. 10)

Percebemos que a alternância entre /e/ e /i/ na palavra *menino* não tira o prestígio do falante, ou seja não é visto de forma preconceituosa. Por outro lado, em palavras como *privilégio* ou *fulano*, a alternância entre /e/ e /i/ na primeira, e /o/ e /u/ na segunda, formando as palavras “previlégio” e “folano” pode ser vista de forma depreciativa por parte do interlocutor.

2.2.1 Transformações fonéticas na língua.

A linguística demonstra que a língua passa por transformações ao longo do tempo. Isso pode ser visto desde o princípio da história, em que antes da formação da língua portuguesa, existia o latim, o qual foi sendo modificado por seus falantes, perdendo e ganhando segmentos. Dessa forma, originou várias línguas, dentre elas, a galego-portuguesa que posteriormente deu origem à língua portuguesa.

Cotidianamente, pode-se notar que a língua ainda continua se transformando. É possível observar transformações fonético/fonológicas na oralidade dos sujeitos, sobretudo em momentos não monitorados de interação entre os indivíduos. Palavras consagradas pela gramática de uma forma passam na oralidade, a serem realizadas foneticamente de forma diferente. Algumas dessas mudanças pelas quais a língua passa denominam-se metaplasmos.

Na língua portuguesa falada no Brasil, podem ser encontrados os casos de metaplasmos de aumento, transformação, transposição e supressão. Botelho e Leite afirmam que:

A definição de metaplasmos perpassa o âmbito dos processos de transformação fonética por que passa uma língua. No caso dos metaplasmos contemporâneos, consideramos as transformações ocorridas a partir da Língua (no nosso caso a (portuguesa do Brasil), que conhecemos hoje. (BOTELHO, LEITE, s/d. p.2)

Os metaplasmos por supressão são caracterizados pelo apagamento de determinado fonema no início, interior ou final de vocábulo. Nessa pesquisa, só trazemos exemplos de metaplasmos de supressão por ser o objeto do nosso estudo. Nesse conjunto, encontram-se os seguintes fenômenos:

- Aférese: consiste no processo de apagamento de fonema ou sílaba no início de vocábulo, ex: ainda > inda, entendeu > tendeu.
- Apócope: o apagamento do fonema ocorre no final do vocábulo, ex: gostar > gostá, fósforo > fosfo, mar > má, comer > comê.
- Síncope: é caracterizada pela supressão do fonema em interior de vocábulo, ex: catorze > catoze, perceber > peceber.

Como observa Callou:

Esses processos abarcam numerosos exemplos de mudanças e atuam sobre a estrutura da sílaba. Podem ocorrer alterações na distribuição de vogais e consoantes, mudança de classe principal, enfraquecimento ou reforço, sempre segundo a posição do segmento no vocábulo ou sintagma. No registro informal e na linguagem popular podemos encontrar a cada passo exemplos que demonstram essa dinâmica da língua. (CALLOU, 1994,p.45)

Portanto, através dessas variações, podemos perceber a dinamicidade da língua portuguesa. Nessa perspectiva, no capítulo seguinte analisaremos os róticos, que apresenta forte tendência à variação em coda silábica, podendo até ser suprimido em algumas pronúncias.

3 OS RÓTICOS

Há algum tempo pesquisadores da Língua portuguesa falada no Brasil se debruçam a estudar os róticos, bem como suas variações no português brasileiro. Silva, em seu “Dicionário de Fonética e Fonologia” traz a seguinte definição para rótico:

Classe de segmentos consonantais com características articulatórias heterogêneas e que se relacionam fonologicamente entre si, tanto em português quanto em outras línguas, os róticos são associados a segmentos relacionados a um **som de r**. No português, os róticos são o tepe [r], a vibrante [r], as fricativas - [X, ʁ, h, fi], a retroflexa [ɹ]. Em posição pós – vocálica, os róticos podem ser cancelados ou omitidos em alguns dialetos do português, em palavras como **amor** ou **carta**¹. (SILVA, 2011, p. 197)

O fonema /r/ pode ser pronunciado de diversas formas e muda de acordo com a região do país em que o falante reside. Em posição pós-vocálica ele pode ter som de fricativa velar vozeada, fricativa glotal vozeada, tepe alveolar vozeado, retroflexa alveolar vozeada, fricativa velar desvozeada, fricativa glotal desvozeada e vibrante alveolar desvozeada. Em algumas realizações, esse fonema tende a ser suprimido ou apagado.

3.1 O APAGAMENTO DOS RÓTICOS

O apagamento dos róticos, de acordo com algumas pesquisas realizadas, é bem recorrente no final de palavras na linguagem oral em várias regiões do país. Com frequência um pouco menor, encontra-se também em coda silábica medial e na escrita de alguns indivíduos. A supressão do /r/ em codas silábicas nas palavras do português brasileiro ocorre com certa frequência em diferentes regiões e depende das classes sociais e faixa etária.

Segundo Bortoni (2004):

As principais regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica na sílaba. A sílaba é uma emissão de voz marcada por ápice de abrimento articulatório e tensão muscular que, na língua portuguesa, é sempre representado por uma vogal. Dizemos então que a vogal é núcleo silábico. A vogal silábica pode ser precedida e seguida de consoantes. É justamente a consoante que segue o núcleo silábico - posição

¹ Grifo nosso

chamada pós-vocálica ou de travamento na sílaba que está sujeita a grande incidência de variação. (BORTONI, 2004, p.79).

A vogal é o núcleo da sílaba e normalmente virá precedida por uma consoante. Não obstante, pode vir também seguida de consoante que estará na posição pós-vocálica e será vulnerável à variação. Diante disso, o foco dessa pesquisa está voltado para o modelo de sílaba CVC (consoante, vogal, consoante), na oralidade e escrita de alunos, pois os róticos se enquadram nesse padrão.

Segundo Bortoni (2004), esse modelo silábico pode ser iniciado por qualquer consoante. Entretanto, neste trabalho, enfatizamos a consoante de travamento /r/ que tende a ser suprimida, sobretudo, em estilos não monitorados.

O fonema /r/ na posição de coda silábica pode ser realizado de diversas formas. Todavia, esse fonema, nessa posição da sílaba, tende a ser apagado, principalmente em verbos no infinitivo.

3.1.1 Aspectos sócio-históricos do apagamento dos róticos na língua portuguesa

Na língua portuguesa falada no Brasil a supressão do fonema /r/ em coda silábica final não é um fenômeno tão contemporâneo. Oliveira, Marilúcia (2001), fundamentada em Votré² (1978) afirma que no século XI, nas peças de Gil Vicente, já existiam amostras do fenômeno de apagamento dos róticos. Esta autora ressalta que esse fenômeno se ampliou a diversas classes de palavras e camadas sociais após o período do português arcaico e que inicialmente sua incidência se dava mais comumente em verbos no infinitivo.

Em sua pesquisa “Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba”, Oliveira, Marco Antonio (1997), detecta que dos 24 entrevistados que foram expostos a 480 casos de (r) em final de verbos (20 casos por informantes) aconteceram 458 cancelamentos. Esses mesmos informantes foram expostos ao mesmo número de casos de (r) em interior de palavra, desses, apenas 58 cometeram o cancelamento. Nessa mesma pesquisa o autor cita Teyssier³ (1959), o qual afirmou que o fenômeno de supressão do /r/ em final de verbos é antigo e já está presente na língua portuguesa há pelo menos meio milênio.

² VOTRE, Sebastião. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. 1978. 222f. Tese (Doutorado em Linguística)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

³ TEYSSIER, P. *La language de Gil Vicente*. Paris: Klincksieck, 1959

Intermediário a essas duas ocorrências de apagamento dos róticos, Oliveira, Marco Antonio (1997), avalia também os casos de supressão de (r) em nominais, como: *qualquer*, *mulher*, *lugar*, *maior*, entre outros, e chega aos seguintes dados: dos vinte informantes analisados, 54,1% apagaram o /r/ na palavra *qualquer*, 41,3% apagaram no vocábulo *mulher*, 40,9% apagaram o rótico em *lugar*, 33,3% cometeram a supressão do /r/ na palavra *melhor* e, 28,5% suprimiram na palavra *maior*. Dessa maneira, o autor sugere que o apagamento do (r) final em nominais está se implementando lexicalmente.

Podemos perceber através desse estudo realizado por Oliveira, Marco Antonio (1997) que o processo de supressão dos róticos na língua portuguesa já existe há muito tempo, sobretudo em ocorrências em final de verbos, um pouco menos antiga em nominais e mais recentemente em interior de vocábulos.

Oliveira, Marilucia (2001), em sua dissertação de mestrado “Manutenção e apagamento do (r) em final de vocábulo na fala de Itaituba”, traz um paradoxo no que diz respeito a qual língua exerceu influência para que os fenômenos fonético-fonológicos inerentes ao (r) ocorressem também na língua portuguesa. Diante disso, ela levanta questionamentos e discorre sobre o assunto, com o intuito de responder se esses fenômenos são, uma influência românica, ou afro- indígena. A autora acredita que esse fenômeno é uma tendência do latim vulgar.

Oliveira, Marilucia (2001), baseada em Marroquim⁴ (2000), assegura que na fala espontânea e culta dos nordestinos brasileiros ocorre o cancelamento do (r). A autora acredita que atribuir a tendência desse fenômeno na língua portuguesa, aos indígenas e africanos, é um equívoco. E ressalta que:

Os estudos na área da variação lingüística dizem que o apagamento do (r) pós - vocálico não parece ser atualmente, pelo menos nas cidades onde se tem procedido a esse tipo de estudo, um fenômeno que se possa restringir a classes sociais mais baixas; também não é uma realização que se processe apenas no português do Brasil, pois em Portugal já se verificou o apagamento desse fonema. (OLIVEIRA 2001)

A autora ainda observa que:

Talvez seja uma tendência que se dá, principalmente por causa da posição débil em que esse fonema se encontra. Tanto é verdade, que esse

⁴ MARROQUIM, Mário. *A Língua do Nordeste*. 3. ed., Curitiba: HD livros, 2000.

apagamento é bem mais produtivo em final de palavra. (OLIVEIRA, 2001, p. 09)

Oliveira, Marilúcia (2001) cita uma pesquisa realizada por Tasca⁵ (1977) na qual ela estudava a língua portuguesa e a língua espanhola em contato, constatando que de todos os segmentos que são cancelados, o (r) em final de palavra é mais comumente suprimido.

Portanto, diante das afirmações dos autores pode-se observar que o apagamento dos róticos em coda silábica final, parece ser mais uma influência do latim vulgar do que das línguas afro-indígenas.

No Capítulo seguinte, discutimos teoricamente aspectos relacionados à variação linguística e às interferências da oralidade na escrita.

4 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

A língua portuguesa falada no Brasil, em muitos contextos, pode sofrer variações. Dependendo de como seja pronunciada, ela é classificada como língua padrão ou como língua não padrão.

Reforçando essa afirmação, Oliveira, Genivaldo (2014) observa que:

Formas linguísticas em variação estão presentes em todas as comunidades de fala. Estas formas são chamadas de variantes que são, na verdade, maneiras diferentes de falar a mesma coisa no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Estas variantes, por sua vez, estão sempre competindo dentro da comunidade de fala à qual pertencem. Desta maneira, temos as variantes padrão e não padrão, aquelas que são conservadoras contra as que são inovadoras e finalmente as variantes que recebem algum tipo de estigma em oposição àquelas de prestígio. Geralmente, uma variante padrão é considerada conservadora e possui maior importância sociolinguística dentro da comunidade. Em contrapartida, uma variante inovadora tende ser não-padrão e é, portanto, estigmatizada pelos falantes da comunidade a que pertence. (OLIVEIRA 2014, p. 24)

Portanto, a língua padrão é regida pelas normas gramaticais e, por este motivo, está muito ligado à linguagem escrita. A língua não padrão se refere ao modo como as pessoas se comunicam em seu cotidiano sem se preocupar com a gramática formal.

Marcos Bagno, no livro “Preconceito linguístico: o que é, e como se faz,” fala que a forma como a língua é tratada pode torná-la um mecanismo de exclusão social. Ele observa

⁵ TASCAS, Maria. *Línguas em contato: Interferência na aprendizagem*. Rio de Janeiro: MOBRAL, 1977.

que esse convencionalismo linguístico se deu em boa medida pela confusão que foi criada no decorrer do tempo entre língua e gramática normativa. No livro, o autor diz que o seu objetivo principal é desfazer essa confusão, pois a gramática não é a língua. Ele ressalta, portanto, que se deve levar em consideração que a língua só existe porque existem seres humanos para usá-la, ou seja, a língua não pode ser vista como uma coisa morta uma vez que existem pessoas vivas que a falam.

Bagno fala que diferentemente da norma padrão, que é vista como um produto homogêneo, estático, a língua é heterogênea, variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução. Como ele mesmo aponta:

Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (BAGNO,2007 p.36)

Ele salienta que é justamente por essa característica instável e variável da língua que muitas pessoas preferem e acham mais confortável pensar a língua como algo morto e acabado.

Ao contrário do que muita gente acredita, a língua não está registrada por inteiro nos dicionários, nem suas regras de funcionamento são exatamente (nem somente) aquelas que aparecem nos livros chamados gramáticas. É mais uma ilusão social acreditar que é possível encerrar num único livro a verdade definitiva e eterna sobre uma língua. (BAGNO,2007 p. 36)

O autor faz uma analogia entre a língua com as águas de um rio que nunca param de correr e de se agitar, que sobem e descem de acordo com o regime das chuvas.

Diversamente do que muitas pessoas pensam, o estado natural da língua é a variação e a mudança linguística, uma vez que ela é produto de seres humanos heterogêneos, que se transformam, que são instáveis e vivem em uma sociedade também variável, heterogênea e instável, sujeita a transformações e conflitos. O autor Marcos Bagno afirma que:

Os linguistas chamam a atenção para o fato da normatização da língua não ser um processo “natural”, mas sim o resultado de ações humanas conscientes, ditadas por necessidades políticas e culturais, e nas quais impera frequentemente uma ideologia obscurantista, dogmática e autoritária. Alguns linguistas (mas nem todos) acreditam que uma norma – padrão poderia até ser um elemento cultural desejável, desde que constituída com o auxílio da

pesquisa científica e com base em projetos sociais democráticos não excludentes. (BAGNO, 2007 p.37)

No livro “A pesquisa sociolinguística” de Fernando Tarallo ele cita uma pesquisa feita por Labov, em que o linguista faz um estudo sobre o inglês falado na cidade de Nova Iorque e ele detectou que os Nova Iorquinos pronunciavam o fonema /r/ pós-vocálico de duas formas diferentes: com a presença do /r/ no final da sílaba versus sem a presença do /r/ em coda silábica. Segundo Tarallo (2007), Labov também verificou que quem pronunciava o /r/ eram pessoas consideradas cultas. Quem não o pronunciava, geralmente pessoas de classe social baixa, era estigmatizado socialmente. No entanto, o autor observa que:

Uma perspectiva histórica indica que até a segunda guerra mundial era a ausência do /r/ a forma de prestígio em Nova Iorque, e sua pronúncia era estigmatizada socialmente. O sistema de variação do /r/ pós-vocálico, portanto, virou de cabeça para baixo: Agora tem prestígio quem pronuncia o /r/ pós-vocálico! (TARALLO, 2007, p. 13)

Esse exemplo só demonstra o quanto a língua é suscetível a variações e fica claro que ela também é um dos principais meios de demarcação de disparidades sociais.

Em seu livro Bagno ressalta que “o objetivo central da sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social”. (BAGNO, 2007 p. 38). Pelo fato da língua ser heterogênea ela apresenta um grau significativo de variações. Porém, essas não acontecem por acaso e, podem ser explicadas por vários motivos que podem estar ligados a origem geográfica do indivíduo, ao status socioeconômico, ao grau de escolarização, a idade, ao sexo, até mesmo a profissão da pessoa.

A esse respeito, Oliveira, Genivaldo (2014), destaca que:

A variação pode ser determinada e explicada por fatores sociais, bem como por fatores geográficos (variação geolinguística), situacionais (variação estilística), históricos (variação histórica) e pode ser encontrada quase que em todos os níveis da língua desde o mais concreto – fonético/fonológico – ao mais vasto – discurso – atravessando a gramática e o léxico. (OLIVEIRA, 2014, p. 27)

Oliveira, Genivaldo (2014), em sua pesquisa “*O léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo*”, faz uma

comparação entre o léxico referente a elementos e fenômenos da natureza, falado por pessoas da Bahia e do Paraná, a fim de mostrar a homogeneidade e heterogeneidade presente no vocabulário utilizado pelos residentes desses dois estados brasileiros. Em sua análise o autor demonstra que a variação linguística se apresenta por conta de diversos contextos. Nessa pesquisa, ele evidencia a variação diatópica. Contudo, as variações diastrática, diagenérica e diageracional, também se apresentam nos falares dessas pessoas.

Todos os fatores citados fazem com que exista variação linguística. Entretanto, vale lembrar que ela também se mostra no comportamento linguístico de cada sujeito, dependendo da situação de interação em que ele se encontra. Por exemplo, um professor universitário dando uma palestra certamente usará um vocabulário mais voltado para a norma culta. Entretanto, se esse mesmo professor estiver em um ambiente descontraído conversando com amigos, provavelmente utilizará um vocabulário propício para o momento podendo até incorrer em "erros" gramaticais.

Segundo Bagno:

Os sociolinguistas enfatizam sempre que não existe falante de estilo único: todo e qualquer indivíduo varia a sua maneira de falar, monitora mais ou menos o seu comportamento verbal, independentemente do seu grau de instrução, classe social, faixa etária, etc. (BAGNO, 2007 p. 45)

Dessa forma, fica evidente que a variedade linguística são as diversas formas de falar uma mesma língua.

4.1 INTERFERÊNCIAS DA ORALIDADE NA ESCRITA

Desde os tempos mais remotos, a linguagem exerce um papel de extrema importância na vida dos seres humanos, pois ela permite a inserção do homem na sociedade, a expressão dos sentimentos e pensamentos, sendo uma das formas de exprimir e expandir os conhecimentos.

A oralidade é uma prática social de inserção e comunicação. Na pré – história, o ser humano procurou uma forma de se comunicar em que pudessem ficar gravadas coisas consideradas importantes para eles. Os sumérios, egípcios e chineses inventaram os primeiros sinais devido à necessidade de um código que pudesse ficar registrado.

Segundo Costa:

A escrita é considerada uma forma de linguagem secundária, que surgiu como uma necessidade de o homem registrar seus usos orais, numa tentativa de representação da fala. Entretanto representar ortograficamente a fala constitui uma grande dificuldade, principalmente para as crianças em início de escolarização. Mas não só para eles, pois até mesmo entre os adultos já escolarizados são frequentes as dúvidas com relação à grafia de determinadas palavras (COSTA, 2010, p.49).

Desse modo, podemos perceber que a aquisição da modalidade escrita é um processo complexo, visto que, até adultos escolarizados podem encontrar dificuldades com a escrita ao se depararem com vocábulos diferentes dos que estão habituados a ouvir no dia a dia.

De acordo com Morais (2007), muitas pessoas acreditam que a ortografia é uma determinação inútil e que tudo ficaria mais fácil se pudéssemos escrever da mesma forma que falamos. Ele ressalta que na oralidade as palavras são pronunciadas de diferentes formas dependendo de fatores como a região onde vivem, dos grupos sócio-culturais aos quais fazem parte e da idade, fazendo uma reflexão sobre o quanto seria difícil para o leitor de determinada região decifrar a intenção do autor de outra região.

A ortografia funciona como uma forma de unificar o modo de falar dos usuários de uma mesma língua. Dessa maneira, a comunicação se torna mais fácil e todos continuam com a liberdade para fazer a pronúncia conforme a sua individualidade.

Segundo Morais,(2007):

Quando compreende a escrita alfabética e consegue ler e escrever seus primeiros textos, a criança já apreendeu o funcionamento do sistema de escrita alfabética, mas ainda desconhece a norma ortográfica. Esta é uma distinção importante para entendermos por que os alunos principiantes cometem tantos erros ao escrever seus textos (...). Sabemos que no sistema alfabético de nossa língua há muitos casos em que um mesmo som pode ser grafado por mais de uma letra (por exemplo, “seguro”, “cigarro”, “auxílio”) ou que a mesma letra se presta para grafar mais de um som (por exemplo, “gato”, “gelo”). Nesses casos, onde em princípio haveria mais de uma grafia “candidata” a ser usada, é a norma ortográfica que define qual letra (ou dígrafo) vai ser a correta. Em muitos casos há regras, princípios orientadores que nos permitem prever, com segurança, a grafia correta. Em outros casos, é preciso memorizar. (MORAIS,2007 p.20-21)

Diante disso, observa-se que a norma ortográfica é bastante complicada e muitos erros que os alunos em séries iniciais cometem são compreensíveis. O processo de aprendizagem das regras gramaticais acontece de forma gradativa e a criança vai internalizando a gramática a partir das tentativas, da experimentação, no uso cotidiano

No Brasil, foi disseminada a ideia de que a língua portuguesa falada no território brasileiro era homogênea e que a sua modalidade escrita deveria parecer com a falada. Esse pensamento foi difundido através da escola com a ajuda de livros didáticos. Diante disso, ainda hoje muitos professores tem dificuldade em lidar com a diversidade linguística dentro da sala de aula, o que pode explicar em partes, o fracasso escolar. A esse respeito, Tasca, fundamentada em Assis (1988) e Bortoni (1985), ressalta que:

Graças à expansão das pesquisas de caráter sociovariacionistas, já nos é possível dispor de respaldo teórico e metodológico necessários para afirmar que uma das grandes causas para o fracasso escolar diz respeito a questões de linguagem. Isto porque, não obstante essas investigações terem evidenciado que todo o sistema linguístico apresenta uma ampla gama de variações, o sistema educacional ainda legitima e impõe com valor absoluto a norma padrão. (TASCA, 2002, p. 18)

Desse modo, acredita-se que é necessário que haja uma conscientização por parte das pessoas que compõem o ambiente escolar, sobretudo por parte dos professores. É de suma importância que se trabalhe a norma culta em sala de aula. Entretanto, também é imprescindível que os docentes apresentem e discutam com os alunos a respeito das diversas modalidades linguísticas, a fim de que os discentes estejam aptos para utilizá-las nos mais variados contextos. Como observa Tasca:

Nosso entendimento é de que no ensino fundamental e médio, se deva trabalhar com o aluno no sentido de auxiliá-lo a dominar a norma culta, tornando-o capaz de expressar-se em diferentes registros, de acordo com a situação de uso da língua. (TASCA, 2002, p. 19)

No livro “Interferências da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e sociais”, Tasca cita que com o surgimento da Linguística moderna muitos linguistas passaram a defender a primazia da oralidade sobre a escrita. Ela reconhece que esse pensamento foi importante para o desenvolvimento dessa ciência, no entanto a autora destaca que alguns linguistas excederam no destaque dado a essa preferência:

Alguns linguistas exageraram na ênfase dada a essa primazia, levando-os a afirmar que a escrita não passava da mera representação da fala (Bloomfield, 1933). Em vista disso, a maior parte das pesquisas desenvolvidas em meados do século XX teve como objeto de estudo a língua falada e quando fazia referência à escrita, esta era considerada independente da fala. Desse modo, ignorando a inter-relação que existe entre as duas faces da linguagem. (TASCA, 2002, p. 30)

Marchuschi (2001), afirma que “os resultados das investigações realizadas nos últimos anos parecem mostrar que a relação fala/ escrita é complexa e variada.” (MARCHUSCHI, 2001 apud TASCAS, 2002, p. 30). O autor acredita que a fala e a escrita se complementam no contexto das práticas socioculturais.

A escola durante algum tempo privilegiou, e em alguns casos ainda privilegia, a língua em sua modalidade escrita em relação à oralidade. No entanto, com o advento dos estudos sociolinguísticos, surgiram pesquisas demonstrando que para que a língua escrita seja compreendida, nas séries iniciais, é fundamental que se compreenda como se dá a linguagem oral. A partir disso, surge a proposta de letramento, a qual acredita que uma modalidade da língua está interligada a outra. Como observa Tasca:

Na literatura hoje disponível sobre o aprendizado da escrita, existe um consenso a respeito dos três componentes envolvidos nesse processo, quais sejam, um sistema de unidades fonológicas, um sistema de unidades gráficas e um sujeito que estabelece as relações entre os dois sistemas.

(TASCAS, 2002, p. 31)

Nos primeiros contatos com a escrita, o indivíduo que está no processo de aprendizagem da ortografia e leitura tende receber influências do sistema fonológico. Tasca (2002) ressalta que há precisão de se fazer um estudo dos sons vocálicos e consonantais e também da maneira como ocorre sua organização em unidades maiores.

A sílaba canônica na língua portuguesa é a CV (consoante- vogal). No processo inicial de aprendizagem da ortografia, esse modelo silábico é melhor aprendido pelos sujeitos em relação ao modelo CVC, uma vez que, esse segundo modelo ocorre com uma frequência menor. A consoante pós-vocálica está mais apta à variações, em alguns casos ela chega a ser suprimida.

Portanto, podemos perceber que o processo de aprendizagem da escrita é complexo e provavelmente por isso os sujeitos nas séries iniciais tendem a escrever da mesma forma como ouvem.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa é de cunho sociolinguístico e quantitativo. Sociolinguístico, pois estuda a língua atrelada ao contexto social do falante, nesse trabalho, buscamos evidenciar as variações linguísticas levando em consideração os fatores gênero e escolaridade dos informantes. Quantitativo, porque analisa o fenômeno do apagamento dos róticos na oralidade e na escrita de estudantes amargosenses, fazendo a quantificação desses dados. Objetivamos assim, perceber quais fatores sociais delineiam os perfis de sujeitos que tendem a cometer a supressão do fonema /r/ com mais assiduidade. A presente pesquisa foi realizada na Escola Municipal Professora Dinorah Lemos da Silva, situada no bairro Catiara, no município de Amargosa/ BA. Os sujeitos investigados residem nesse bairro e estudam no turno vespertino.

5.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

O corpus dessa pesquisa é constituído de amostras de textos de oito alunos, sendo quatro do 6º ano do ensino fundamental II: dois do sexo feminino e dois do sexo masculino; e quatro alunos do 8º ano do ensino fundamental II: dois do sexo feminino e dois do sexo masculino. A escolha dos alunos do 6º ano se deu a partir de uma conversa com o professor da turma, na qual ele sugeriu alguns alunos que julga serem os mais participativos em sala de aula.

Os alunos do 8º ano foram escolhidos pela autora deste trabalho, a qual os conheceu no período em que participou das atividades realizadas em sala de aula, durante o desenvolvimento das atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Naquele momento foi possível perceber quais alunos demonstravam maior interesse para realizar os exercícios escritos, solicitados pelo professor. A escolha dessa série surgiu pelo fato de que ela não é tão próxima e nem tão distante do 6º ano, o que por sua vez, nos possibilita fazer uma comparação a fim de observarmos se durante esse período as dificuldades presentes na escrita dos alunos do 6º ano são superadas nas séries posteriores.

A seleção de dois alunos do sexo masculino e dois alunos do sexo feminino de cada série ocorreu pelo fato de esse trabalho ser de cunho sociolinguístico, e ter dentre outros objetivos o de perceber qual dos dois gêneros tendem a cometer com mais frequência o apagamento dos róticos. Nesse sentido, a autora desse trabalho levantou a hipótese de que informantes do sexo feminino manteriam os róticos com frequência maior que os informantes do sexo masculino, visto que outros trabalhos feitos nessa área demonstraram que as mulheres

tendem a utilizar formas linguísticas de maior prestígio com mais assiduidade que os homens, o que será confirmado ou não no terceiro capítulo.

5.2 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Esta pesquisa é dividida em duas partes de análise: (i) a primeira tem o objetivo de observar na oralidade em quais palavras mais comumente os alunos cometem a supressão do fonema /r/; (ii) a segunda parte tem o objetivo de verificar se os alunos cometem o apagamento dos róticos na escrita nas mesmas palavras que cometem na oralidade.

Ao longo da investigação fomos à escola quatro vezes. No primeiro encontro dia 25 de novembro de 2014, fomos até a escola, explicamos para a direção que estávamos fazendo uma pesquisa de cunho acadêmico, demonstramos os objetivos da pesquisa e pedimos permissão para trabalhar com os estudantes daquela instituição. Após a permissão da direção, escolhemos os alunos e solicitamos que lessem o texto e posteriormente aplicamos um questionário escrito com eles, com perguntas referentes ao texto, no qual, de forma indireta, eles foram induzidos a utilizar verbos no infinitivo e vocábulos que apresentam róticos. No segundo encontro, dia 02 de dezembro de 2014, fizemos o mesmo questionário com os alunos, porém oralmente.

A princípio, essa pesquisa foi feita apenas com quatro alunos, dois (um do sexo masculino e um do sexo feminino) do 6º ano e dois (um do sexo masculino e uma do sexo feminino) do 8º ano. No entanto, verificamos que apenas quatro entrevistas seriam insuficientes para fazermos a avaliação dos dados. Dessa forma, resolvemos dobrar o número de entrevistados em cada série.

No dia 24 de fevereiro de 2015, retornamos à escola e escolhemos os demais alunos, segundo os critérios que já foram mencionados acima. Posteriormente, entregamos o texto aos estudantes e solicitamos que eles o lessem, em seguida fizemos o questionário oral. No dia posterior, 25 de fevereiro de 2015, houve um novo encontro com esses alunos no qual fizemos o mesmo questionário escrito.

Nas aplicações dos questionários percebemos que seria mais interessante, para os fins da pesquisa, fazer primeiro a entrevista oral e posteriormente a escrita, por esse motivo houve uma alteração na ordem de aplicação dos questionários, visto que nos encontros dos meses de novembro e dezembro de 2014 utilizamos primeiro o questionário escrito e depois oral. No mês de fevereiro de 2015 essa ordem foi invertida.

Vale ressaltar aqui, que as atividades orais foram gravadas e transcritas pela autora deste trabalho. A transcrição grafemática foi feita obedecendo ao padrão fonético dos alunos.

A escolha dessas atividades se deu pela necessidade de verificarmos se os alunos cometem o apagamento do rótico apenas na oralidade ou se esse fenômeno também ocorre na escrita, bem como verificar se o nível de escolarização interfere na ocorrência do apagamento dos róticos.

Expomos os resultados da análise em quatro quadros e três, que demonstram: (i) as respostas dos informantes ao questionário oral; (ii) o número de apagamento dos róticos em verbos; (iii) comparação entre a quantidade de apagamento do fonema /r/, na oralidade e escrita dos informantes do 6º; (iv) comparação entre o número de supressão dos róticos na oralidade e na escrita do 8º ano.

E três gráficos que exibem: (i) a quantidade de apagamento dos róticos por cada gênero e série; (ii) o número de apagamento dos róticos em pronúncias de verbos no infinitivo cometido por cada série; (iii) a comparação entre a oralidade e a escrita dos informantes do 8º ano e dos informantes do 6º ano.

5.2.1 Quadro com questionário utilizado na pesquisa: perguntas e possíveis respostas

Quadro 1: questionário utilizado na pesquisa: perguntas e possíveis respostas

NÚMERO QUESTÃO	DA	QUESTÃO	POSSÍVEL RESPOSTA
1		Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?	Torneira
2		Para limpar o chão o que é preciso fazer?	Varrer/ lavar
3		A carne de porco não é magra porque tem muita:	Gordura
4		Carne se come com garfo e faca, e para tomar sopa usamos qual talher?	Colher
		Como é chamado um aparelho	Liquidificador

5	que serve para fazer vitamina, suco, etc?	
6	Quando a água está muito quente na panela, cheia de bolinhas em ebulição, diz-se que ela está:	Fervendo
7	Quando a galinha canta e vai para o ninho, ela vai _____o ovo.	Botar
8	Inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas, chama-se:	Borboleta
9	No inverno faz frio. E no verão faz:	Calor
10	Qual é o contrário de cedo?	Tarde
11	Depois do número treze vem o número:	Quatorze/catorze
12	Segundo o texto, o narrador conta que o dia o chamava para:	Trabalhar
13	Quando está com fome a pessoa deve:	Comer

5.2.2 Texto utilizado na pesquisa

Uma certa manhã de verão, num domingo ensolarado, acordei muito disposto, o dia me chamava para trabalhar, olhei para minha casa e resolvi dar uma faxina. Abri a torneira, coloquei água nos baldes, peguei panos para limpar o chão, vassoura para

varrer a sujeira.

Comecei a limpar pela sala, o chão começou a brilhar, aquilo foi um incentivo para mim, fui para o quarto arrumei tudo, daí fui lavar os banheiros, mas fiquei com medo de escorregar na água com sabão, então com muito cuidado esfreguei o chão, e depois sequei até deixar o banheiro bem limpinho.

Quando enfim cheguei até a cozinha, lavei a louça, ajeitei o fogão, e então me veio à ideia de fazer um bolo. Fui até o quintal e percebi que as galinhas haviam botado ovos. Peguei dois ovos, na geladeira peguei o leite, coloquei-o em uma panela e deixei-o ferver. Misturei todos os ingredientes, bati um pouco no liquidificador e depois coloquei numa forma, abri o forno e esperei o bolo assar. Olhei para o relógio, já passava das quatorze horas. Meu estômago roncou, abri o micro ondas, tinha uma carne de porco, porém não quis comer, pois essa carne possui muita gordura. Achei melhor esperar meu bolo assar.

Às quinze horas ele estava pronto, e eu finalmente ia comer, quando veio de lá uma linda borboleta de asas coloridas e sentou no meu bolo, tomei um susto tão grande que deixei o bolo cair no chão. Fiquei muito irritada, a borboleta fugiu voando e eu até agora estou aqui a morrer de fome e sem saber como vou me alimentar.

Autora: Amanda Correia

6.1 ANÁLISE DOS DADOS

Os informantes são classificados por números: os algarismos ímpares se referem aos informantes do sexo masculino, ao passo que os pares se referem aos do sexo feminino. Os números 1 e 3 são os informantes do sexo masculino e 2 e 4 são os informantes do sexo feminino do 6º ano. Os números 5 e 7 fazem referência aos informantes do sexo masculino do 8º ano e os 6 e 8 dizem respeito às informantes do sexo feminino do 8º ano. Esses algarismos estão na segunda coluna, entre parênteses, diante de cada variante fornecida pelo informante.

Os números elencados na primeira coluna se referem às questões exibidas no ponto 3.1 da metodologia. A terceira diz respeito ao total de alunos que cometeram o apagamento dos róticos nas palavras. Alguns dados não foram computados. Por razão de ambiguidade da questão ou mesmo por interpretação equivocada do informante, a resposta não foi dada com uma palavra que apresentasse róticos.

Quadro 2: Resposta dos informantes ao questionário oral

QUESTÃO	RESPOSTAS DOS INFORMANTES	TOTAL DE APAGAMENTO
1	Tornêra (2,7,8) Torneira(1,4,5,6)	0
2	Varrê (1,2,6) Passá pano (3,4) Jogar'água(5) Passá um pano de chão (7) Varrê, lavá e secá(8)	7
3	Gurdura (1,4,5) Gordura(2,3,6,7,8)	0
4	Culhé (4) Côlhé (3,6) Culher (7) Colher (1,5) Côlé (2) Colhé de sopa (8)	5
5	Liquidificadô (1,2,3,4,6) Liquidificador (5,7,8)	5
	Fervê (1)	

6	Fervendo (5,7,8) Frevê (2) Fêvendo (6)	3
7	Botá (1,3) Botá ovo (2,7) Pô o ovo (4) Botar'ovo (5) Pô ovo (6) Por'um ovo (8)	6
8	Borboleta (1,2,3,5,6,7,8) Bôboleta (4)	1
9	Calô (1,2,3,4,5,6,7,8)	8
10	Tarde (1,2,3,4,5,6,8)	0
11	Catôze (1,2,4,5) Quatorze (7) Quatôze (6,8)	6
12	Trabalhá (1,2,4,8) Trabalhar (5) Trabaiá (6)	5
13	Se alimentá (2,7) Comê (1,3,4) Comer (5,6) Comer'algo (8)	5

Observando o quadro acima, percebemos que o apagamento dos róticos na oralidade é muito frequente. Dessa maneira, fizemos a análise de cada questão constante no quadro bem como das respostas dos informantes a fim de verificar se existe um contexto que propicia esse apagamento ou a manutenção do fonema /r/, qual gênero (masculino ou feminino) comete com mais frequência a supressão dos róticos,.

Na pergunta número 1, todos os informantes mantiveram o rótico na resposta “torneira”, exceto o informante 3 que, acreditamos, por uma questão de ambiguidade da pergunta, respondeu “água”. Dessa forma, a resposta desse informante não foi computada. A questão número 2, permitiu várias respostas com palavras que contém rótico, contudo, a taxa de apagamento do fonema /r/ foi alta. De todos os informantes, apenas o 5 manteve esse

fonema. Na 3ª questão não houve supressão do rótico. Na 4ª, cinco informantes cometeram o apagamento do /r/ e três mantiveram esse fonema, sendo esses três do sexo masculino.

Na pergunta 5, cinco informantes, dois do sexo masculino e três do sexo feminino, apagaram o rótico e três: dois do sexo masculino e um do sexo feminino, mantiveram-no. A pergunta 6 deu margem para as respostas: ferver, fervendo e quente. Vale ressaltar que a intenção da autora dessa pesquisa era que a resposta à pergunta fosse “fervendo”, entretanto, provavelmente por ter sido uma questão ambígua os informantes 3 e 4 responderam “quente”, não sendo possível fazer a computação das respostas dos mesmos, uma vez que elas não apresentam róticos em sua estrutura. As demais respostas foram computadas e notamos que o informante 6 cometeu o apagamento em coda silábica medial na palavra “fervendo”. Os informantes 1 e 2 suprimiram o rótico em coda silábica final no vocábulo “ferver”. Os demais entrevistados mantiveram o fonema /r/.

A questão 7 permitiu as respostas: “botar” e “pôr”. Dos oito informantes, seis apagaram o rótico nessas palavras. Os informantes 5 e 8 mantiveram o fonema /r/, contudo, em ambos os casos o /r/ final da palavra precedia uma vogal no início de outra palavra. Desse modo, os estudantes pronunciaram as duas palavras como se fossem apenas uma, criando uma sílaba entre os dois vocábulos de modo a uni-los. Por exemplo: o informante 5 respondeu “botar’ovo” criando a sílaba [ro]. Assim também o informante 8 realizou o mesmo fenômeno na resposta “pôr’um ovo”, gerando entre os vocábulos *pôr* e *um* a sílaba [rum].

Na pergunta 8, todos mantiveram o fonema /r/, exceto um informante do sexo feminino. A questão 9 teve como resposta a palavra “calor” e o apagamento do rótico nesse vocábulo foi categórico. A 10ª questão induziu os informantes a responderem a palavra “tarde”. Sete entrevistados mantiveram o rótico, entretanto, o informante 7 confundiu-se na interpretação da questão e respondeu a palavra “manhã”, que não foi computada nessa análise pois não contém rótico em sua estrutura.

A pergunta 11 teve como respostas os vocábulos: catorze/quatorze. Dos oito entrevistados seis suprimiram o fonema /r/. O informante 7 manteve o /r/ e o 3 possivelmente por uma dificuldade de interpretação da pergunta respondeu a palavra “quatro”, que não foi computada pela autora do trabalho por não corresponder aos objetivos dessa pesquisa.

A 12ª questão dá margem para a resposta “trabalhar”. Cinco informantes suprimiram o rótico, um manteve e dois responderam com palavras que não continham róticos e portanto não foram computadas. A 13ª questão permite as respostas: se alimentar ou comer. Dessa forma, cinco informantes apagaram o fonema /r/ e três o mantiveram.

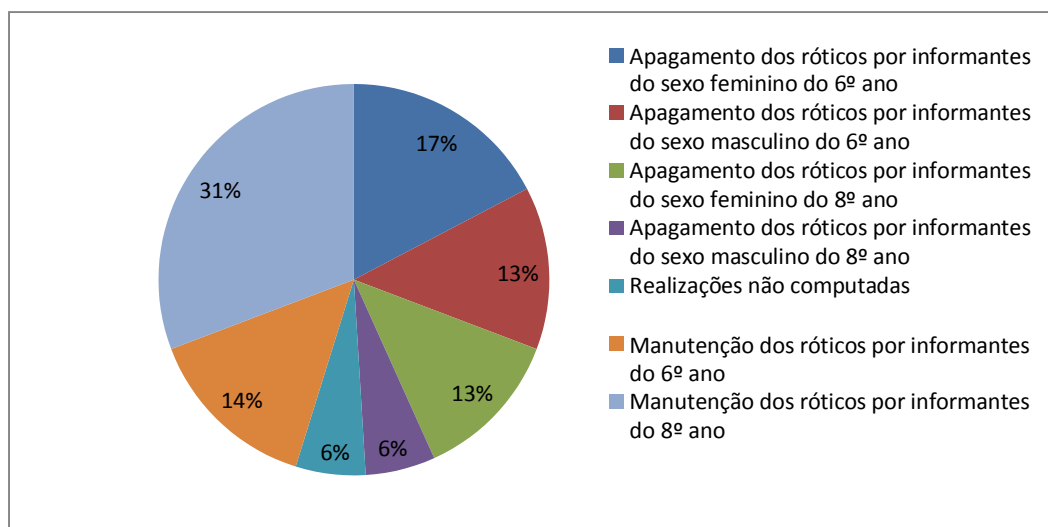
Através desse quadro, ainda é possível observar que das 48 realizações possíveis de pronúncia das palavras (torneira, gordura, ferver/fervendo, borboleta, tarde e quatorze) fornecidas pelos estudantes dos 6º e 8º ano, o apagamento dos róticos ocorreu em 10 realizações, na resposta ao questionário oral, o que corresponde a 20,8% das pronúncias dessas palavras.

Diante disso, é possível perceber que o cancelamento do fonema /r/ em coda silábica medial, aconteceu em quantidade mínima se comparado às ocorrências em coda silábica final, visto que das 56 pronúncias das palavras com róticos em final de vocábulo, ocorreu apagamento em 43 pronúncias, o equivalente a 77% das realizações em coda silábica final.

Nessa perspectiva, os resultados da pesquisa realizada por Costa (2009) corroboram os dados obtidos nos quadros acima. Em seu artigo publicado à revista *Philologus*, a autora observa que em coda silábica final o apagamento dos róticos ocorre em quantidade maior do que em coda silábica medial, e afirma que várias pesquisas sociolinguísticas confirmam que na oralidade o apagamento do fonema /r/ em final de palavras é quase total, enquanto que em posição de coda medial esse fenômeno fica limitado a contextos mais particulares.

Abaixo segue o gráfico demonstrando a quantidade de apagamento dos róticos cometido por cada série:

Gráfico 1: Apagamento dos róticos na oralidade: uma análise diagenérica



A partir da observação do quadro e do gráfico, foi possível perceber que, nessa pesquisa, os informantes do sexo feminino cometeram o apagamento dos róticos, na oralidade, com mais frequência que os do sexo masculino. Os alunos do 8º ano mantêm o fonema /r/ com maior constância que os alunos do 6º ano. Foi possível perceber ainda, que em contextos em que o /r/ precede uma vogal, o rótico tende a ser mantido com mais facilidade.

6.2 VERBOS, ARROLADOS PARA A PESQUISA, RETIRADOS DO TEXTO

O apagamento dos róticos, nos verbos em análise, foi diagnosticado na gravação da leitura do texto exibido no item 5.2.2.

Quadro 3: Apagamento dos róticos em verbos. ⁶

VERBOS	PRONÚNCIA DOS INFORMANTES	NÚMERO DE APAGAMENTO
Acordei	Acordei (1,2,3,4,5,6,7,8)	0
Trabalhar	Trabalhá (1,2,4,7) Trabalhar (5) Trabaiá (3,6,8)	7
Limpar	Limpar (5) Limpá (1,2,3,4,6,7,8)	7
Varrer	Varrer (5) Varrê (1,2,3,4,6,7,8)	7
Brilhar	Brilhar (5) Brilhá (1,2,4,6,7,8) Brincá (3)	7
Lavar	Lavar (5) Lavá (1,2,3,4,6,7,8)	7
Escorregar	Escorregá (1,2,3,4,5, 6,7,8)	8
Fazer	Fazer (5)	

⁶ Na leitura do texto o informante 3 não fez a leitura de um parágrafo, omitindo dessa forma, a pronúncia de alguns verbos. Por esse motivo, em algumas palavras desse quadro não consta a resposta do informante 3.

	Fazê (1,2,3,4,6,7,8)	7
Ferver	Fervê (5) Fevê (1,6,7,8) Frevê (2,4)	7
Comer	Comê (1,2,5,7,8) Comer (6) Cumê (4)	6
Esperar	Esperá (2,4,5,6,8) Isperá (1,7)	7
Morrer	Morrê (1,2,4,5, 6,7,8)	7
Saber	Saber (5) Sabê (1,2,3,4,6,7,8)	7
Alimentar	Alimentá (1,2,3,4,5,6,7,8)	8
Total:		92

Analisando o quadro de apagamento dos róticos em verbos é possível perceber que a supressão do /r/ na pronúncia dessa classe gramatical é muito comum, sobretudo quando o /r/ está em coda silábica final, caracterizando um verbo no infinitivo.

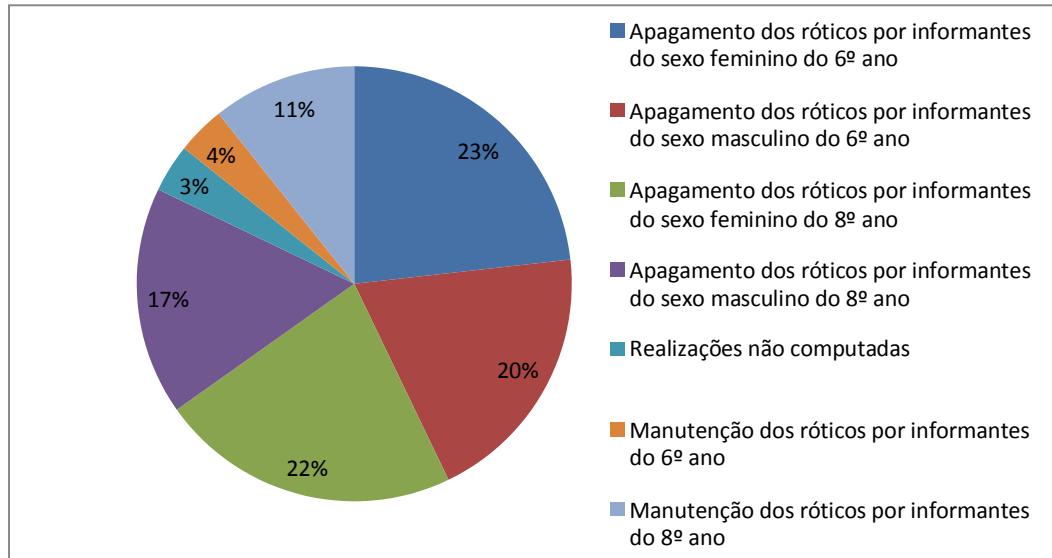
No artigo intitulado “O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses”, escrito por Costa (2009), a autora afirma que:

O que se observa é que os estudiosos tem concentrado suas pesquisas sobre a variação do rótico na língua falada em posição final das palavras e os trabalhos tem revelado que o apagamento desse fonema em posição pós-vocálica final é praticamente categórico. (COSTA 2009, p.1)

Reforçando a afirmação de Costa (2009), Toledo (2009) assegura que os dados de sua pesquisa demonstram que em quase todas as ocorrências a queda do rótico acontece em situações verbais de infinitivo, tanto por meio de locuções verbais como em *vai fazê, tenta buscá, fô contá, deve falá*. E em casos em que o verbo é usado em sua forma infinitiva *varrê, botá, engrossá*.

Abaixo o gráfico demonstra o número de apagamento dos róticos em verbos por alunos do 6º e do 8º ano, assim como a taxa de manutenção do fonema /r/ nas duas séries.

Gráfico 2: Apagamento dos róticos na pronúncia de verbos no infinitivo por alunos de 6º e 8º ano do ensino fundamental II



Dessa forma, é possível perceber que das 112 realizações dos verbos computados no quadro acima, ocorreu à supressão do rótico em final de verbo em 92 realizações. O que reforça a afirmação dos autores acerca do cancelamento desse fonema em final de vocábulos, sobretudo em final de verbos.

6.3 QUADROS: COMPARAÇÃO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA:

Quadro 4: respostas orais e escritas dos informantes do 6º ano

Palavra:	Resposta oral dos informantes 6º ano:	Escrita dos informantes 6º ano:
Torneira:	- Torneira (1) - Tornêra (2) - Torneira (4)	- Torneira(1) - Torneira (2) - Tromeira(4)
Varrer/Lavar/ Passar pano:	- Passá pano (4) - Passá pano (3) - Varrê (1) - Varrê(2)	- Passa pano (4) - Passa o pano (3) - Jogar água(1) - Vare (2)

Gordura	- Gurdura (1) - Gordura(2) - Gordura(3) - Gurdura (4)	- Gordora (1) - Vudura (2) - Gordura (3) - Gordura (4)
Colher	- Culhé (4) - Colhé(3) - Colher(1) - Colé(2)	- Culher (4) - Colher(3) - Colher(1) - Colhe (2)
Liquidificador	-Liquidificadô (4) - Liquidificadô(3) -Liquidificadô (1) -Liquidificadô (2)	- Liquitificador(4) - Litifica-dor (3) - Liquidificador (1) - Liqideficador(2)
Borboleta	- Borboleta (1) - Borboleta (2) - Borboleta (3) - Boboleta (4)	- Borboleta(1) - Boboleta (2) - Borboleta(3) - Borboleta(4)
Fervendo /ferver	- Fervê (1) - Frevê (2)	- Fervendo(1) - Freve (2)
Pôr/botar ovo	- Pô o ovo (4) - Botá (1) - Botá (3) - Botá ovo (2)	- Pô(4) - Botar (1) - Bota (3) - Bota (2)
Calor	- Calô (1,2,3,4)	- Calor (1,2,3,4)
Tarde	- Tarde (1,2,3,4)	- Tarde (1,2,3,4)
Quatorze/ Catorze	- Catôze (1,2,4)	- Quatorze (1) - Quatroze (2)
Trabalhar	- Trabalhá (1,2,3,4)	- Trabalhar (1,2,4) - Trabalha (3)
Comer/Alimentar	- Comê (1,4) - Comê (3) - Se alimentá (2)	- Comer(1,4) - Come (3) - Se Alimenta (2)

Quadro 5 : Respostas orais e escritas dos informantes do 8º ano

Palavra:	Resposta oral dos informantes 8º ano:	Escrita dos informantes 8º ano:
Torneira:	- Tornêra (7,8) - Torneira (5,6)	- Torneira (5,6,7,8)
Varrer/Lavar/ Passar pano:	- Varrê, lavá e secá (8) - Passá um pano (7) - Varrê (6) - Jogar'água (5)	- Varrer, lavar, secar (8) - Passar um pano de chão. (7) - Varer (6) - Varrer o chão, pano, sabão, vassoura, água nos baldes. (5)
Gordura	- Gordura(6,7,8) - Gurdura (5)	-Gordúra (8) - Gordura (5,6,7)
Colher	- Culher (7) - Colhé (6,8) - Colher (5)	- A colher (7) - Colher de sopa (8) - Colher (5,6)
Liquidificador	- Liquidificadô (6) - Liquidificador (5,7,8)	- Liquidificador (5,6,7,8)
Borboleta	- Borboleta (5,6,7,8)	- Borboleta (5,6,7,8)
Fervendo /ferver	- Fervendo (5,7,8) - Fevendo (6)	- Fervendo (5,7,8) -Ferver (6)
Pôr/botar ovo	-Pôr'um ovo (8) - Botá o ovo (7) - Pô ovo (6) -Botar'ovo (5)	- Pô (8) - Botar (7) -Botar (6) Pôô (5)
Calor	- Calô (5,6,7,8)	-Calor (5,6,7,8)
Tarde	- Tarde (5,6,8)	-Tarde (5,6,8)
Quatorze/ Catorze	- Quatôze (6,8) - Catôze (5) - Quatorze (7)	- Quatorze (5,8) - Quatorce (7) - Cuatoze (6)

Trabalhar	-Trabalhá (8) - Trabaiaá (6) - Trabalhar (5)	- Trabalhar (5,6,8) - Amanhã (7)
Comer/Alimentar	- Comer'algo (8) - Se alimentá (7) - Comer (5,6)	- Comer algo (8) -Se alimentar (7) - Comer (6) -Comer (5)

Abaixo encontra-se o gráfico de comparação entre a oralidade e a escrita dos estudantes do 6º e do 8º ano, com o intuito de observarmos as taxas de apagamento dos róticos nas duas modalidades da língua, assim como percebermos se a supressão do fonema /r/ diminui de acordo com o aumento do nível de escolarização.

Gráfico 3: Comparação da oralidade de estudantes do 6º e 8º ano do ensino fundamental II : oralidade

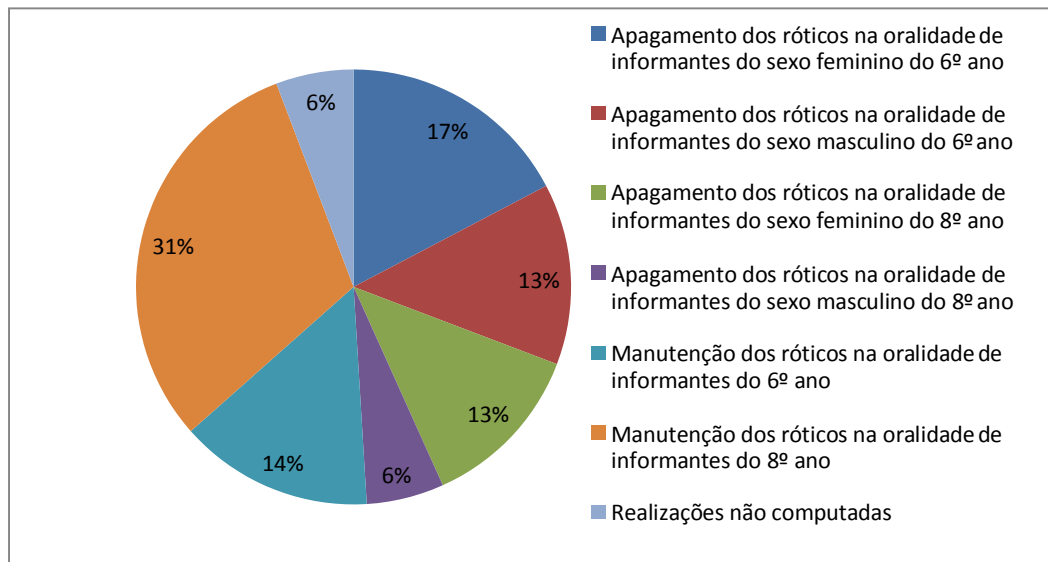
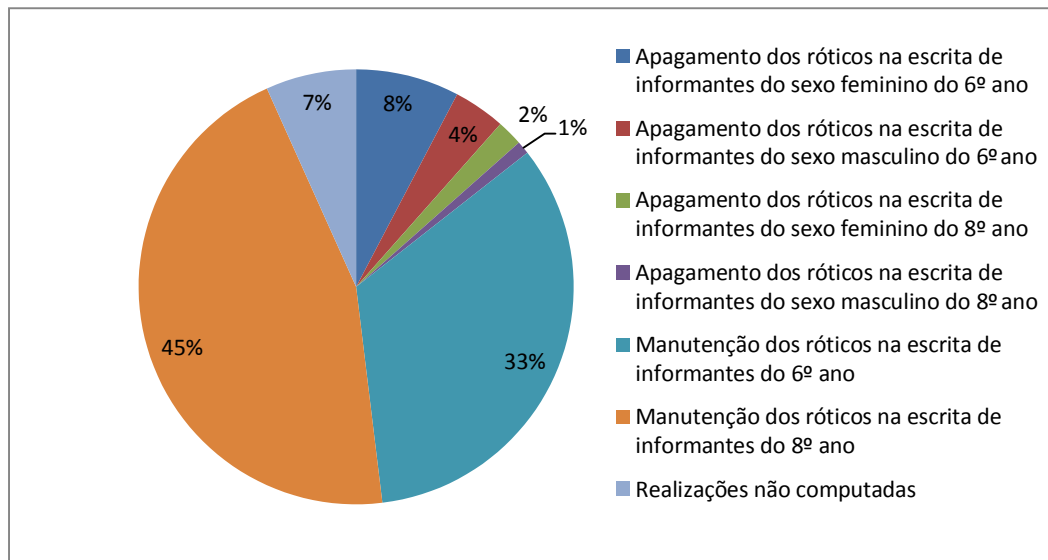


Gráfico 4: Comparação da escrita de estudantes do 6º e 8º ano do ensino fundamental II : oralidade



A partir da análise dos quadros e gráficos acima, podemos observar que os alunos cometem o apagamento dos róticos tanto na oralidade quanto na escrita. No entanto, na oralidade esse apagamento ocorre com mais frequência. Diante disso, podemos depreender que a oralidade influencia na escrita dos alunos.

Similarmente na pesquisa intitulada “Variação Linguística e Ensino: considerações acerca da influência da oralidade na escrita” Júnior (2014) detecta que o apagamento do rótico na escrita é uma marca da oralidade.

Ratificando nossa pesquisa, Bortoni (2004, p.85) assegura que, se um indivíduo apaga o fonema /r/ em infinitivo verbal na escrita, é por conta do desuso desse fonema na oralidade desse falante.

A partir dos quadros em análise, também é possível afirmar que os alunos do 6º ano cometeram um nível de apagamento na escrita quase tão alto quanto na fala. Contudo, os alunos do 8º ano, tiveram uma maior taxa de manutenção do /r/ na escrita, reforçando a ideia de que quanto maior o grau de escolarização menor é a tendência de ocorrer o apagamento dos róticos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa pesquisa, detectamos os contextos que desencadeiam a supressão do fonema /r/ tanto na oralidade quanto na escrita dos alunos arrolados para esta pesquisa. Constatamos que o apagamento dos róticos, na oralidade, em final de vocábulo, ocorre em um número muito superior ao apagamento em coda silábica medial. Das 56 ocorrências de palavras com róticos em coda silábica final, o apagamento ocorreu em 43, o que equivale a 77% das realizações. Das 48 realizações possíveis de pronúncia das palavras com róticos em coda medial, o apagamento ocorreu em 8 realizações, na resposta ao questionário oral, o que corresponde a 16% dessas palavras.

Percebemos que o apagamento dos róticos em coda silábica final, parece ser mais uma influência do latim do que das línguas afro-indígenas, pois pesquisas feitas anteriormente detectaram que esse fenômeno não ocorre apenas no Brasil, mas em países europeus também, por exemplo, em Portugal.

Verificamos que os contextos em que os róticos são mantidos em fim de vocábulo, são em sua grande maioria seguidos de vogal. Dessa forma, os informantes pronunciam duas palavras juntas, como em *lavar o chão* “lavarochão”, criando uma sílaba fonética entre uma palavra e outra.

Chegamos à conclusão de que existe interferência da oralidade na escrita. Essas marcas da oralidade são mais evidentes na escrita dos alunos do 6º ano. Para 30% de supressão do /r/ na oralidade eles transferiram 12% para a escrita. Os informantes do 8º ano apagaram 19% na oralidade e 3% na escrita, permitindo-nos concluir que com o avanço na escolarização esse fenômeno tende a acontecer com menos frequência.

Analisando os dados dessa pesquisa, é possível observar que os estudantes do sexo masculino tendem a manter os róticos com mais constância que os do sexo feminino. 13% das realizações de supressão do /r/ foram cometidos por informantes masculinos do 6º ano e 6% pelos entrevistados do 8º ano. 17 % das ocorrências desse fenômeno foram realizadas por informantes do sexo feminino do 6º ano e 13% por alunas do 8º ano, contrariando a hipótese levantada pela autora desse trabalho a qual acreditava que informantes do sexo feminino manteriam o fonema /r/ em coda silábica, com mais constância que os informantes do sexo masculino, pelo fato de que pesquisas feitas anteriormente terem demonstrado isso.

Ressaltamos que os resultados aos quais chegamos, por meio dessas análises, não são definitivos, visto que ao concluirmos uma pesquisa, sempre surgem novos questionamentos e hipóteses. Portanto, acreditamos que essa pesquisa dará lugar para que outros trabalhos sejam

feitos a respeito do mesmo objeto de estudo, com novas perspectivas, novos recortes e novos olhares.

REFERÊNCIAS:

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*, São Paulo: Contexto, 1997.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI, Ricardo Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

BOTELHO, José Mario; LEITE, Isabelle Lins. *Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: UERJ.

Disponível em:

< <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>

> Acesso em: 28 de março de 2015.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

COSTA, Geisa Borges. *O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses*. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. n.10, p. 1-9. Setembro de 2009. Disponível em:

<<http://www.letramagna.com/apagamentoroticocoda.pdf>> Acesso em 05 de Abril de 2015.

COSTA, Geisa Borges. Reflexões sobre o apagamento do rótico na escrita das séries iniciais. Revista Philogus.n.45. p.137-145. Set/dez. 2009. Disponível em :<
<http://www.filologia.org.br/revista/45/09.pdf>> Acesso em 05 de Abril de 2015.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Fonética, fonologia e ortografia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

JÚNIOR, Antonio Pereira Pontes. *Variação Linguística e Ensino: considerações acerca da influência da oralidade na escrita*. Monografia. Guarabira- Paraíba: Universidade Estadual da Paraíba, 2014. Disponível em: <

[http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/4075/1/PDF%20-](http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/4075/1/PDF%20-%20Ant%C3%B4nio%20Pereira%20Pontes%20J%C3%BAnior.pdf)

[%20Ant%C3%B4nio%20Pereira%20Pontes%20J%C3%BAnior.pdf](http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/4075/1/PDF%20-%20Ant%C3%B4nio%20Pereira%20Pontes%20J%C3%BAnior.pdf)> Acesso em 07 de Abril de 2015.

LYONS, John. *Lingua(gem) e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MORAIS, Arthur Gomes de. *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática, 2007.

OLIVEIRA, Genivaldo da Conceição. *O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo*. 2 vols. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. Revista de Estudos da Linguagem. Belo Horizonte, v. 6. n.6.p. 32-58. jul./dez. 1997.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. *Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba*. Tese de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001.

SILVA, Taís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

SILVA, Thais Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

TASCA, Maria. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: O papel de fatores linguísticos e sociais*. Porto Alegre : EDPUCRS. 2002.

TOLEDO, Adilson do Rosário. *A realização dos róticos em coda silábica na cidade de Paranaguá – litoral do Paraná*, *SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 403-422, jul. 2009. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4202>> Acesso em: 10 de agosto de 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Transcrição da leitura do texto dos estudantes do 6º ano.

Informante (1)

Numa certa manhã de verão, num domingo *insolarado*, acordei muito disposto, o dia me chamava para *trabalhá*, olhei para minha casa e resolvi dá uma faxina, abri a torneira coloquei água nos baldes, peguei panos pra *limpá* o chão, vassoura para *varrê* a sujeira, comecei a *limpá* pela sala, o chão começou a *brilhá*, aquilo foi um incentivo pra mim. Fui para o quarto arrumei tudo daí fui *lavá* os banheiros, mas fiquei com medo de *escorregá* na água com sabão. Então com muito cuidado esfreguei o chão e depois sequei até *deixá* o banheiro bem limpinho. Quando enfim cheguei até a cozinha lavei a *lôça*, ajeitei o *fugão* e então me veio a *Idéa* de *fazê* um bolo. Fui até o quintal e *pêcebi* que as galinhas havia botado ovos, peguei dois ovos na *geladêra*, peguei o *lête* coloquei-o em uma panela *dexei* ele *fevê*, misturei todos os ingrediente, bati um *pôco* no *liquidificado* e depois coloquei numa fôrma, abri o forno e esperei o bolo *assá*. Olhei para o relógio já passava das *catôze* horas, meu estômago roncou. Abri o micro-ondas, tinha uma carne de porco, porém não quis cumê pois essa carne possui muita *gurdura*, achei *melhó isperá* meu bolo *assá*. Às quinze horas ele estava pronto e eu finalmente ia *comê*, quando veio de lá uma linda borboleta de asas coloridas e sentou no meu bolo, tomei um susto tão grande que deixei o bolo *caí* no chão. Fiquei muito irritada e a borboleta fugiu *vuando* e eu até agora estou aqui, a *morrê* de fome sem *sabê* como vou me *alimentá*.

Informante (2)

Numa certa manhã de verão, num domingo ensolarado, acordei muito disposto, o dia me chamava para *trabalhá*, olhei para minha casa e resolvi dá uma faxina, abri a *tornêra* coloquei água nos baldes, peguei panos pra *limpá* o chão, vassoura para *varrê* a sujeira, comecei a *limpá* pela sala, o chão começou a *brilhá*, aquilo foi um incentivo pra mim. Fui para o quarto arrumei tudo daí fui *lavá* os banheiros, mas fiquei com medo de *escorregá* na água com sabão. Então com muito cuidado *esfreguei* o chão e depois sequei até *deixá* o banheiro bem limpinho. Quando enfim cheguei até a cozinha lavei a *lôça*, ajeitei o *fogão* e então me veio a *Idéa* de *fazê* um bolo. Fui até o quintal e *pêcebi* que as galinhas havia botado ovos, peguei dois ovos na *geladêra*, peguei o *lête* coloquei-o em uma panela *dexei* ele *frevê*, misturei todos

os ingrediente, bati um *pôco* no *liquidificadô* e depois coloquei numa fôrma, abri o forno e esperei o bolo *assá*. Olhei para o relógio já passava das *quatôze* horas, meu estômago roncou. Abri o micro-ondas, tinha uma carne de porco, porém não quis *comê* pois essa carne possui muita *gordura*, achei *melhó esperá* meu bolo *assá*. Às quinze horas ele estava pronto e eu finalmente ia *comê*, quando veio de lá uma linda borboleta de asas coloridas e sentou no meu bolo, tomei um susto tão grande que deixei o bolo *caí* no chão. Fiquei muito irritada e a borboleta fugiu voando e eu até agora estou aqui, a *morrê* de fome sem *sabê* como vou me *alimentá*.

Informante (3)

Um certo di... uma certa manhã de verão, num domingo ensolarado, acordei muito disposto, o dia me chamava para trabalhá... olhei para minha casa e resolvi dá uma faxina, abri a *tornêra* coloquei água no balde, peguei panos para *limpá* o chão, pás.. bassou... vassoura para *varrê* a sujeira, comecei a *limpá* pela sala, do chão comecei a *brincá*, aquilo foi uma incer... incentivo para mim. Fui para o quarto arrumei tudo dai fui lev... *lavá* os banheiros, para... mas fiquei com medo de *escorregá* na água do sabão. Então com muito cuidado esfreguei o chão e depois sequei até *deixá* o *banhêro* em limpinho. Quando enfim cheguei até a cozinha lavei a louça, afei... ajei... ajeitei o fogão e então me veio a *Idéa* de *fazê* um bolo. Fui até o quintal e percebi que a galinha havia botado ovo, peguei dois ovo na *geladêra*, peguei o leite coloquei-o em uma panela *dexei* ele... e *dêxei* o bolo *caí* no chão. Fiquei muito irritado a bombole... borboleta fugiu voltando e eu até agora estou aqui, acorrentado de fome sem *sabê* como vou me *alimentá*.

Informante (4)

Numa certa manhã de verão, num domingo ensolarado, acordei muito *diposto*, o dia me chamava para *trabalhá*, olhei para minha casa e resolvi dá uma faxina, abri a torneira coloquei água no balde, peguei pano para *limpá* o chão, vassoura para *varrê* a sujeira, comi e limpei pela sala, o chão começou a *brilhá*, aquilo foi um incentivo para mim. Fui para o quarto arrumei tudo daí fui *lavá* o banheiro, mas fiquei *cum* medo de *escorregá* na água com sabão. Então com muito cuidado *enfeguei* o chão e depois sequei até *dêxá* o banheiro bem limpinho. Quando enfim cheguei até a cozinha lavei a *lôça*, *ajêtei* o fogão e então me...me... me veio a *Idéa* de *fazê* um bolo. Fui até o quintal, pensei que a galinha havia botado ovo, peguei dois ovos na geladeira, peguei o leite coloquei em uma panela *dexei* ele *frevê* muito, depois um

ingrediente, bati um *pôco* no *liquidificadô* e depois coloquei numa fôrma, abri o forno e *isperei* o bolo *assá*. Olhei para o relógio já passava das *catôze* horas, meu estômago roncou. Abri o micro-ondas, tinha uma carne de porco, porém não quis *cumê* pois essa carne possui muita *gurdura*, achei *melhó esperá* meu bolo *assá*. Às quinze horas ela estava lá pronto e eu ... finalmen...finalmente aí comi, quando veio de lá uma linda *boboleta* de asa colorida e sentou no meu bolo, tomei um susto tão grande que deixei o bolo *caí* no chão. Fiquei muito irritada e a borboleta fugiu voando e eu até agora estou aqui, a *morrê* de fome sem *sabê* como vou me *alimentá*.

APÊNDICE B- Transcrição das respostas aos questionários orais fornecidas pelos estudantes do 6º ano

Informante (1)

- Entrevistadora: Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

- entrevistado: torneira

-Entrevistadora: Para limpar o chão o que é preciso fazer?

- Entrevistado: *Varrê*

- Entrevistadora: A carne de porco não é magra porque tem muita:

- Entrevistado: *Gurdura*

- Entrevistadora: A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

-Entrevistado: *Colhé*

-Entrevistadora: Como é chamado um aparelho que serve para fazer suco, vitamina, etc?

- Entrevistado: *Liquidificadô*

-Entrevistadora: Quando a água está bem quente, cheia de bolinhas em ebulição, dizemos que ela está?... Ela vai?

- Entrevistado: *fervê*

- Entrevistadora: Quando a galinha canta e vai para o ninho ela vai:

- Entrevistado: *botá*

- Entrevistadora: o ovo né?

Entrevistada: o ovo

-Entrevistadora: O inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas chama-se:

-Entrevistado: borboleta

-Entrevistadora: No inverno faz frio, e no verão faz:

- Entrevistado: *Calô*.

Entrevistadora: qual é o contrário de cedo?

-Entrevistado: *tarde*.

- Entrevistadora: Depois do número treze vem o número:

-Entrevistado: *Catôze*

- Entrevistadora: Segundo o texto o narrador conta que o dia o chamava para:

-Entrevistado: *Trabalhá*

-Entrevistadora: Quando se está com fome a pessoa deve:

- Entrevistado: *Comê*.

Informante (2)

Entrevistadora: Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

Entrevistado: *Tornêra*

Entrevistadora: Para limpar o chão o que é preciso fazer?

Entrevistado: *Varrê*

Entrevistadora: A carne de porco não é magra porque tem muita:

Entrevistado: *Gordura*

Entrevistadora: A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

Entrevistado: *Côlé*

Entrevistadora: Como é chamado um aparelho que serve para fazer suco, vitamina, etc?

Entrevistado: *Liquidificadô*

Entrevistadora: Quando a água está bem quente, cheia de bolinhas em ebulição, dizemos que ela está?

Entrevistado: *frevê*

Entrevistadora: Quando a galinha canta e vai para o ninho ela vai:

Entrevistado: *Botá ovo*

Entrevistadora: O inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas chama-se:

Entrevistado: *Borboleta*

Entrevistadora: No inverno faz frio, e no verão faz:

Entrevistado: *Calô.*

Entrevistadora: qual é o contrário de cedo?

Entrevistado: *Tarde.*

Entrevistadora: Depois do número treze vem o número:

Entrevistado: *Catôze*

Entrevistadora: Segundo o texto o narrador conta que o dia o chamava para:

Entrevistado: *Trabalhá*

Entrevistadora: Quando se está com fome a pessoa deve:

Entrevistado: *Se alimentá.*

Informante (3)

Entrevistadora: Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

Entrevistado: *Água*

Entrevistadora: Para limpar o chão o que é preciso fazer?

Entrevistado: *Passá o pano no chão*

Entrevistadora: A carne de porco não é magra porque tem muita:

Entrevistado: *Gordura*

Entrevistadora: A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

Entrevistado: *Côlhé*

Entrevistadora: Como é chamado um aparelho que serve para fazer suco, vitamina, etc?

Entrevistado: *litificadô... Liquidificadô*

Entrevistadora: Quando a água está bem quente, cheia de bolinhas em ebulição, dizemos que ela está?

Entrevistado: Quente

Entrevistadora: Quando a galinha canta e vai para o ninho ela vai:

Entrevistado: *Botá*

Entrevistadora: O inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas chama-se:

Entrevistado: Borboleta.

Entrevistadora: qual é o contrário de cedo?

Entrevistado: Tarde.

Entrevistadora: Depois do número treze vem o número:

Entrevistado: Quatro

Entrevistadora: Segundo o texto o narrador conta que o dia o chamava para:

Entrevistado: Trabalho

Entrevistadora: Quando se está com fome a pessoa deve:

Entrevistado: *Comê*

Informante (4)

Entrevistadora: Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

Entrevistado: Torneira.

Entrevistadora: Para limpar o chão o que é preciso fazer?

Entrevistado: *Passá* pano

Entrevistadora: A carne de porco não é magra porque tem muita:

Entrevistado: *Gurdura*

Entrevistadora: A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

Entrevistado: *Culhé*

Entrevistadora: Como é chamado um aparelho que serve para fazer suco, vitamina, etc?

Entrevistado: *Liquidificadô*

Entrevistadora: Quando a água está bem quente, cheia de bolinhas em ebulição, dizemos que ela está?

Entrevistado: Quente

Entrevistadora: Quando a galinha canta e vai para o ninho ela vai:

Entrevistado: *Pô o ovo*

Entrevistadora: O inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas chama-se:

Entrevistado: *Boboleta*

Entrevistadora: No inverno faz frio, e no verão faz:

Entrevistado: *Calô*

Entrevistadora: qual é o contrário de cedo?

Entrevistado: Tarde

Entrevistadora: Depois do número treze vem o número:

Entrevistado: *Catôze*

Entrevistadora: Segundo o texto o narrador conta que o dia o chamava para:

Entrevistado: *Trabalhá*

Entrevistadora: Quando se está com fome a pessoa deve:

Entrevistado: *Comê*

APÊNDICE C- Transcrição da leitura do texto dos estudantes do 8º ano

Informante (5)

Numa certa manhã de verão, num domingo ensolarado, acordei muito disposto, o dia me chamava para trabalhar, olhei para minha casa e resolvi dá uma faxina, abri a torneira coloquei água nos baldes, peguei panos pra *limpár'ochão*, vassoura para *varrer'a* sujeira, comecei a *limpá* pela sala, o chão começou a *brilhar'aquilo* foi um incentivo pra mim. Fui para o quarto arrumei tudo daí fui *lavar'os* banheiros, mas fiquei com medo de *escorregá* na água com sabão. Então com muito cuidado esfreguei o chão e depois sequei até *deixar'o* banheiro bem limpinho. Quando enfim cheguei até a cozinha lavei a *loça*, ajeitei o fogão e então me veio a Idea de *fazer'um* bolo. Fui até o quintal e *pêcebi* que as galinhas havia botado ovos, peguei dois ovos na *geladêra*, peguei o leite coloquei-o em uma panela deixei ele *fervê*, misturei todos os ingrediente, bati um pouco no liquidificador e depois coloquei numa fôrma, abri o forno e esperei o bolo *assar'Olhei* para o relógio já passava das quatorze horas, meu estômago roncou. Abri o micro-ondas, tinha uma carne de porco, porém não quis *comê* pois essa carne possui muita gordura, achei *melhor'esperá* meu bolo *assá*. Às quinze horas ele estava pronto e eu finalmente ia *comê*, quando veio de lá uma linda borboleta de asas coloridas e sentou no meu bolo, tomei um susto tão grande que deixei o bolo caí no chão. Fiquei muito irritada e a borboleta fugiu *vuando* e eu até agora estou aqui, a *morre* de fome sem *saber'o* que vou me *alimentá*.

Informante (6)

Numa certa manhã de verão, num domingo *insolarado*, acordei muito disposta, o dia me chamava para *trabaiá*, *oiêi* para minha casa e resolvi da uma faxina, abri a torneira coloquei água nos baldes, peguei panos pra *limpá* o chão, vassoura para *varrê* a sujeira, comecei a *limpá* pela sala, o chão começou a *brilhá*, aquilo foi um incentivo pra mim. Fui para o quarto arrumei tudo daí fui *lavá* os banheiros, mas fiquei com medo de *escorregá* na água com sabão. Então com muito cuidado esfreguei o chão e depois sequei até *deixá* o banheiro bem

limpinho. Quando enfim cheguei até a cozinha lavei a *loça*, ajeitei o *fugão* e então me veio a *Idea* de *fazê* um bolo. Fui até o quintal e *pêcebi* que as galinhas havia botado ovos, peguei dois ovos na *geladêra*, peguei o *lête* coloquei-o em uma panela *dexei* ele *fevê*, misturei todos os ingrediente, bati um *pôco* no liquidificador e depois coloquei numa fôrma, abri o forno e esperei o bolo *assá*. *Oiêi* para o relógio já passava das *catôze* horas, meu estômago roncou. Abri o micro-ondas, tinha uma carne de porco, porém não quis comer pois essa carne possui muita gordura, achei *meió esperá* meu bolo *assá*. Às quinze horas ele estava pronto e eu finalmente ia comer, quando veio de lá uma linda borboleta de asas coloridas e sentou no meu bolo, tomei um susto tão grande que deixei o bolo *caí* no chão. Fiquei muito irritada e a borboleta fugiu voando e eu até agora estou aqui, a *morrê* de fome sem *sabê* como vou me *alimentá*.

Informante (7)

Numa certa manhã de verão, num domingo *insolarado*, acordei muito disposto, o dia me chamava para *trabalhá*, olhei para minha casa e resolvi dá uma faxina, abri a *tornêra* coloquei água nos baldes, peguei panos para *limpá* o chão, vassoura para *varrê* a sujeira, comecei a *limpá* pela sala, o chão começou a *brilhá*, aquilo foi um incentivo pra mim. Fui para o quarto arrumei tudo daí fui *lavá* os banheiros, mas fiquei com medo de *escorregá* na água com sabão. Então com muito cuidado esfreguei o chão e depois sequei até *dêxá* o banheiro bem limpinho. Quando enfim cheguei até a cozinha lavei a *lôça*, ejeteci ...ajeitei, na verdade, o *fugão* e então me veio a *Idéa* de *fazê* um bolo. Fui até o quintal e *pêcebi* que as galinhas havia botado ovos, peguei dois ovos na *geladêra*, peguei o leite coloquei-o em uma panela *dexei* ele *fevê*, misturei todos os ingrediente, bati um *pôco* no liquidificador e depois coloquei numa fôrma, abri o forno e esperei o bolo *assá*. Olhei para o relógio já passava das *quatorze* horas, meu estômago roncou. Abri o micro-ondas, tinha uma carne de porco, porém não quis *comê* pois essa carne possui muita gordura, achei *melhó isperá* meu bolo *assá*. Às quinze horas ele estava pronto e eu finalmente ia *comê*, quando veio de lá uma linda borboleta de asas coloridas e sentou no meu bolo, tomei um susto tão grande que deixei o bolo *caí* no chão. Fiquei muito irritada e a borboleta fugiu *vuando* e eu até agora estou aqui, a *morrê* de fome sem *sabê* como vou me *alimentá*.

Informante (8)

Numa certa manhã de verão, num domingo ensolarado, acordei muito disposto, o dia me chamava para *trabaiá*, olhei para minha casa e resolvi *dar'uma* faxina, abri a torneira coloquei água nos baldes, peguei panos para *limpá* o chão, vassoura para *varrê* a sujeira, comecei a *limpá* pela sala, o chão começou a *brilhá*, aquilo foi um incentivo pra mim. Fui para o quarto arrumei tudo daí fui *lavá* os banheiros, mas fiquei com medo de *escorregá* na água com sabão. Então com muito cuidado esfreguei o chão e depois sequei até *deixá* o banheiro bem limpinho. Quando enfim cheguei até a cozinha lavei a *lôça*, ajeitei o *fugão* e então me veio a *Idéa* de *fazê um* bolo. Fui até o quintal e *pêcebi* que as galinhas havia botado ovos, peguei dois ovos na geladeira, peguei o lête coloquei-o em uma panela *dexei* ele *fevê*, misturei todos os ingrediente, bati um *pôco* no *liquidificadô* e depois coloquei numa fôrma, abri o forno e esperei o bolo *assá*. Olhei para o relógio já passava das quatorze horas, meu estômago roncou. Abri o micro-ondas, tinha uma carne de porco, porém não quis *comê* pois essa carne possui muita *gurdura*, achei *melhó esperá* meu bolo *assá*. Às quinze horas ele estava pronto e eu finalmente ia *comê*, quando veio de lá uma linda borboleta de asas coloridas e sentou no meu bolo, tomei um susto tão grande que deixei o bolo *caí* no chão. Fiquei muito irritada e a borboleta fugiu voandoe eu até agora estou aqui, a *morrê* de fome sem *sabê* como vou me *alimentá*.

APÊNDICE D- Transcrição das respostas ao questionário oral, fornecidas pelos estudantes do 8º ano

Informante (5)

Entrevistadora: Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

Entrevistado: torneira.

Entrevistadora: Para limpar o chão o que é preciso fazer?

Entrevistado:” jogarágua”

Entrevistadora: A carne de porco não é magra porque tem muita:

Entrevistado: Gurdura

Entrevistadora: A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

Entrevistado: Colher

Entrevistadora: Como é chamado um aparelho que serve para fazer suco, vitamina, etc?

Entrevistado: Liquidificador

Entrevistadora: Quando a água está bem quente, cheia de bolinhas em ebulição, dizemos que ela está?

Entrevistado: fervendo

Entrevistadora: Quando a galinha canta e vai para o ninho ela vai:

Entrevistado: “botarovo”

Entrevistadora: O inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas chama-se:

Entrevistado: borboleta.

Entrevistadora: No inverno faz frio, e no verão faz:

Entrevistado: Calô.

Entrevistadora: qual é o contrário de cedo?

Entrevistado: tarde.

Entrevistadora: Depois do número treze vem o número:

Entrevistado: Catôze

Entrevistadora: Segundo o texto o narrador conta que o dia o chamava para:

Entrevistado: Trabalhar

Entrevistadora: Quando se está com fome a pessoa deve:

Entrevistado: Comer

Informante (6)

Entrevistadora: Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

Entrevistado: torneira

Entrevistadora: Para limpar o chão o que é preciso fazer?

Entrevistado: Varrê, pano, sabão e água nos baldes.

Entrevistadora: A carne de porco não é magra porque tem muita:

Entrevistado: Gordura

Entrevistadora: A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

Entrevistado: Colhé

Entrevistadora: Como é chamado um aparelho que serve para fazer suco, vitamina, etc?

Entrevistado: Liquidificadô

Entrevistadora: Quando a água está bem quente, cheia de bolinhas em ebulição, dizemos que ela está?

Entrevistado: fêvendo

Entrevistadora: Quando a galinha canta e vai para o ninho ela vai:

Entrevistado: “ pô ovo”

Entrevistadora: O inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas chama-se:

Entrevistado: borboleta

Entrevistadora: No inverno faz frio, e no verão faz:

Entrevistado: Calô.

Entrevistadora: qual é o contrário de cedo?

Entrevistado: tarde.

Entrevistadora: Depois do número treze vem o número:

Entrevistado: Quatôze

Entrevistadora: Segundo o texto o narrador conta que o dia o chamava para:

Entrevistado: Trabaíá

Entrevistadora: Quando se está com fome a pessoa deve:

Entrevistado: Comer

Informante (7)

Entrevistadora: Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

Entrevistado: a água da tornêra, ou a tornêra.

Entrevistadora: Para limpar o chão o que é preciso fazer?

Entrevistado: “passá” um pano de chão

Entrevistadora: A carne de porco não é magra porque tem muita:

Entrevistado: Gordura

Entrevistadora: A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

Entrevistado: a colher

Entrevistadora: Como é chamado um aparelho que serve para fazer suco, vitamina, etc?

Entrevistado: Liquidificador

Entrevistadora: Quando a água está bem quente, cheia de bolinhas em ebulição, dizemos que ela está?

Entrevistado: fervendo

Entrevistadora: Quando a galinha canta e vai para o ninho ela vai:

Entrevistado: “botá” o ovo

Entrevistadora: O inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas chama-se:

Entrevistado: borboleta.

Entrevistadora: No inverno faz frio, e no verão faz:

Entrevistado: “Calô”.

Entrevistadora: qual é o contrário de cedo?

Entrevistado: manhã

Entrevistadora: Depois do número treze vem o número:

Entrevistado: quatorze

Entrevistadora: Segundo o texto o narrador conta que o dia o chamava para:

Entrevistado: trabalho

Entrevistadora: Quando se está com fome a pessoa deve:

Entrevistado: Se “alimentá”

Informante (8)

Entrevistadora: Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

Entrevistado: tornêra.

Entrevistadora: Para limpar o chão o que é preciso fazer?

Entrevistado: “varrê”, “lavá”, “secá”...

Entrevistadora: A carne de porco não é magra porque tem muita:

Entrevistado: Gordura

Entrevistadora: A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

Entrevistado: Colhé de sopa

Entrevistadora: Como é chamado um aparelho que serve para fazer suco, vitamina, etc?

Entrevistado: Liquidificador

Entrevistadora: Quando a água está bem quente, cheia de bolinhas em ebulição, dizemos que ela está?

Entrevistado: fervendo

Entrevistadora: Quando a galinha canta e vai para o ninho ela vai:

Entrevistado: “pôr’um” ovo

Entrevistadora: O inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas chama-se:

Entrevistado: borboleta.

Entrevistadora: No inverno faz frio, e no verão faz:

Entrevistado: “Calô”.

Entrevistadora: qual é o contrário de cedo?

Entrevistado: tarde.

Entrevistadora: Depois do número treze vem o número:

Entrevistado: “quatôze”

Entrevistadora: Segundo o texto o narrador conta que o dia o chamava para:

Entrevistado: “Trabalhá”

Entrevistadora: Quando se está com fome a pessoa deve:

Entrevistado: “Comer’ algo”

ANEXOS

ANEXO A – Resposta ao questionário escrito pelos estudantes do 6º ano

Informante 1

Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

torneira

Para limpar o chão o que é preciso fazer?

jogar água

A carne de porco não é magra porque tem muita gordura

A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

Colher

Como é chamado um aparelho que serve para fazer vitamina suco etc?

liquidificador

Quando a água está muito quente na panela, cheia de bolinhas em ebulição, diz-se que ela está: furilando

Quando a galinha canta e vai para o ninho, ela vai lutar o ovo.

Inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas, chama-se borboleta

No inverno faz frio. E no verão faz calor.

Qual é o contrário de cedo? tarde.

Depois do número treze vem o quatorze.

Segundo o texto, o narrador conta que o dia o chamava para trabalhar.

Quando se está com fome a pessoa deve: comer.

Informante 2

Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

A torneira

Para limpar o chão o que é preciso fazer?

Vare

A carne de porco não é magra porque tem muita gordura

A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

colher

Como é chamado um aparelho que serve para fazer vitamina suco etc?

liquidificador

Quando a água está muito quente na panela, cheia de bolinhas em ebulição, diz-se que ela está: fervendo

Quando a galinha canta e vai para o ninho, ela vai esota o ovo.

Inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas, chama-se Borboleta.

No inverno faz frio. E no verão faz calor.

Qual é o contrário de cedo? tarde.

Depois do número treze vem o quatorze.

Segundo o texto, o narrador conta que o dia o chamava para trabalhar.

Quando se está com fome a pessoa deve: se alimentar.

Informante 3

Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

água

Para limpar o chão o que é preciso fazer?

~~A água e o sabão e a esponja~~
~~chão~~

A carne de porco não é magra porque tem muita gordura

Passa e pano no

A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

colher

Como é chamado um aparelho que serve para fazer vitamina suco etc?

~~o liquidificador~~ o liquidizador

Quando a água está muito quente na panela, cheia de bolinhas em ebulição, diz-se que ela está: quente

Quando a galinha conta e vai para o ninho, ela vai lota o ovo.

Inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas, chama-se mosca.

No inverno faz frio. E no verão faz ~~frio~~ Borboleta.

Qual é o contrário de cedo? ~~tarde~~ tarde.

Depois do número treze vem o quatro.

Segundo o texto, o narrador conta que o dia o chamava para

o trabalho.

Quando se está com fome a pessoa deve: come.

Informante 4

Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

~~coque~~ torneira

Para limpar o chão o que é preciso fazer?

~~com~~ passar pano

A carne de porco não é magra porque tem muita ~~gordura~~ gordura

A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

Culher

Como é chamado um aparelho que serve para fazer vitamina suco etc?

~~liquidador~~ liquidador

Quando a água está muito quente na panela, cheia de bolinhas em ebulição, diz-se que ela está: quente

Quando a galinha canta e vai para o ninho, ela vai botar o ovo.

Inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas, chama-se borboleta.

No inverno faz frio. E no verão faz calor.

Qual é o contrário de cedo? Tarde

Depois do número treze vem o qu.

Segundo o texto, o narrador conta que o dia o chamava para

~~trabalhar~~ trabalhar

Quando se está com fome a pessoa deve: comer.

ANEXO B- Respostas ao questionário escrito fornecidas pelos estudantes do 8º ano

Informante 5

Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

Torneira

Para limpar o chão o que é preciso fazer?

VARRE o chão, pano, sabão, vaselina, água nos baldes

A carne de porco não é magra porque tem muita Gordura

A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

Colher

Como é chamado um aparelho que serve para fazer vitamina suco etc?

liquidificador

Quando a água está muito quente na panela, cheia de bolinhas em ebulição, diz-se que ela está: Fervendo

Quando a galinha canta e vai para o ninho, ela vai poá o ovo.

Inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas, chama-se borboletas.

No inverno faz frio. E no verão faz calor.

Qual é o contrário de cedo? tarda.

Depois do número treze vem o 14 Quarta-feira.

Segundo o texto, o narrador conta que o dia o chamava para Trabalhar.

Quando se está com fome a pessoa deve: comer

8º menino

Informante 6

Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

Sabonão

Para limpar o chão o que é preciso fazer?

Varrer

A carne de porco não é magra porque tem muita gordura

A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

Colher

Como é chamado um aparelho que serve para fazer vitamina suco etc?

liquidificador

Quando a água está muito quente na panela, cheia de bolinhas em ebulição, diz-se que ela está: fervendo

Quando a galinha canta e vai para o ninho, ela vai Botar o ovo.

Inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas, chama-se borboletas.

No inverno faz frio. E no verão faz calor.

Qual é o contrário de cedo? tarde.

Depois do número treze vem o quatorze.

Segundo o texto, o narrador conta que o dia o chamava para trabalhar.

Quando se está com fome a pessoa deve: Comer.

8º ano menina

Informante 7

Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

A Tamira.

Para limpar o chão que é preciso fazer?

Passar um pano de chão.

A carne de porco não é magra porque tem muita gordura.

A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

A colher.

Como é chamado um aparelho que serve para fazer vitamina suco etc?

Liquidificador

Quando a água está muito quente na panela, cheia de bolinhas em ebulição, diz-se que ela está: Fervendo

Quando a galinha conta e vai para o ninho, ela vai Botar o ovo.

Inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas, chama-se Borboleta.

No inverno faz frio. E no verão faz calor.

Qual é o contrário de cedo? uma certa manhã

Depois do número treze vem o Quatorze.

Segundo o texto, o narrador conta que o dia o chamava para amanhã.

Quando se está com fome a pessoa deve: se alimentar.

Informante 8

Como se chama aquilo que se abre quando se lava a mão numa pia?

torneira

Para limpar o chão o que é preciso fazer?

lavar, lavar, ~~lavar~~ secar etc.

A carne de porco não é magra porque tem muita gordura.

A carne se come com garfo e faca. E para tomar sopa usamos qual talher?

colher de sopa

Como é chamado um aparelho que serve para fazer vitamina suco etc?

liquidificador

Quando a água está muito quente na panela, cheia de bolinhas em ebulição, diz-se que ela está: ferendo

Quando a galinha canta e vai para o ninho, ela vai pô o ovo.

Inseto que voa e tem asas bonitas e coloridas, chama-se borboleta.

No inverno faz frio. E no verão faz calor.

Qual é o contrário de cedo? tarde

Depois do número treze vem o quatorze.

Segundo o texto, o narrador conta que o dia o chamava para

trabalhar

Quando se está com fome a pessoa deve: comer algo